



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS**

JULYANNA NEPOMUCENO GARCIA

**CRIME, DOR E SENSACIONALISMO:
Análise de Cobertura do Metrôpoles sobre um caso de Femicídio**

**Brasília
2019**

JULYANNA NEPOMUCENO GARCIA

CRIME, DOR E SENSACIONALISMO:

Análise de Cobertura do Metrôpoles sobre um caso de Femicídio

Trabalho apresentado como requisito de Bacharel ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Professor Orientador: Luiz Cláudio Ferreira

Brasília
2019

JULYANNA NEPOMUCENO GARCIA

CRIME, DOR E SENSACIONALISMO:

Análise de Cobertura do Metrôpoles sobre um caso de Femicídio

Trabalho apresentado como requisito de Bacharel ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Professor Orientador: Luiz Cláudio Ferreira

Brasília, 12 de junho de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Luiz Cláudio Ferreira
Orientador

Professor (a) Examinador (a)

Professor (a) Examinador (a)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por todas as coisas que tens feito na minha vida, por ser conforto quando tudo era desespero, a ele devo toda honra e toda glória nessa trajetória. Agradeço a mulher a quem devo a vida, que é a minha inspiração como ser humano, exemplo de determinação e garra, Vera Lúcia, obrigada por tudo mãe, só nós duas sabemos como foi difícil e das suas abdições para me proporcionar todos os meus estudos até aqui. Ao meu pai, Fernando Garcia, por sempre me apoiar, por ser tão paciente e prestativo nessa caminhada. Ao meu irmão, Felipe, que independente de qualquer coisa sempre está do meu lado, a quem eu divido todas as minhas alegrias e tristezas, obrigada por ser exatamente como você é. Ao meu sobrinho e afilhado, Miguel, que mesmo tão pequeno já é tão compreensivo, nos dias de choro e enxaquecas ficava do meu lado fazendo carinho todo preocupado. À minha avó, Amélia, que sempre se enche de orgulho ao dizer que sua caçula vai ser uma jornalista, obrigada por tudo que já fez por mim sinto muito orgulho de ter sido criada por duas mulheres tão fortes e determinadas. Eu amo vocês, obrigada por todo apoio e desculpa pelos dias de estresse.

Agradeço por todos os professores que me acompanharam nessa trajetória, em especial Luiz Cláudio que além de professor, orientador é um amigo, conselheiro, quem sempre nos acalma e nos mostra que vai dar certo, que honra tê-lo como mestre, uma das minhas maiores inspirações como profissional e como ser humano, obrigada por tudo.

Além disso, agradeço aos amigos que o jornalismo me proporcionou, foram tantos trabalhos, pautas, tantos personagens, tantas fontes, muitas histórias, lágrimas e sorrisos. Teve briga, discussões, estresses, preocupações, muitas risadas que chegavam a doer a barriga, teve amor, vivemos esses três anos e meio intensamente. Em especial agradeço a elas, Isabela, Luiza, Rafaela L e Rafaela M por todo companheirismo, nunca deu errado, vou levar sempre vocês comigo.

Por fim agradeço a todos os meus familiares e aos meus amigos pessoais por todo companheirismo e paciência durante essa reta final. Sou muito abençoada por ter todos vocês comigo. OBRIGADA.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar a cobertura jornalística feita pelo veículo de comunicação on-line Metrôpoles, sediado em Brasília (DF), sobre um feminicídio que aconteceu em 5 de maio de 2018. A morte de Jéssyka Laynara e a tentativa de homicídio de Pedro Henrique, ambos os crimes praticados por Ronan Menezes, ex-noivo de Jéssyka, no mesmo dia. São 12 matérias divididas em duas fases, a primeira “Sobre o assassinato” com cinco (5) matérias e a segunda “Primeiras repercussões: a busca pela alma do atirador” com sete (7) matérias. O *corpus* da pesquisa compreende, ao todo, 12 notícias veiculadas entre os dias 5 a 7 de maio de 2018. A análise avalia se a cobertura do noticiário, efetivamente, está prestando serviço à sociedade nas coberturas de feminicídio. Uma das conclusões é que, também nessa cobertura, o veículo de comunicação utilizou-se de elementos sensacionalistas com exploração da imagem de vítimas e do acusado. Não há discussões sobre as questões de gênero, como machismo e violência contra mulher, que poderiam aperfeiçoar o debate em meio a uma tragédia.

Palavras-chave: Mulher. Violência. Feminicídio. Metrôpoles. Sensacionalismo. Jornalismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 O JORNALISMO. RESPONSABILIDADE SOCIAL NO JORNALISMO	11
2 ÉTICA NO JORNALISMO X SENSACIONALISMO	14
3 DISCUSSÕES MARCADAS TAMBÉM PELA MÍDIA	17
3.1 O papel comunitário	21
4 CLASSIFICAÇÃO DAS FONTES DE NOTÍCIAS	23
5 DEFINIÇÕES PARA OS ASSUNTOS RELACIONADOS AO TEMA DA MONOGRAFIA	26
5.1 Violência Contra a Mulher	26
5.2 Lei Maria da Penha	27
5.4 Femicídio	28
5.5 Metrôpoles	29
6 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	30
6.1 Fase 1 - Sobre o assassinato	30
6.2 Fase 2 - Primeiras repercussões: a busca pela alma do atirador	30
7 ANÁLISES E RESULTADOS	33
7.1 Fase 1 - Sobre o assassinato	33
7.2 Fase 2 - Primeiras repercussões: a busca pela alma do atirador	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49
ANEXOS	51

INTRODUÇÃO

Na manchete, não é apenas mais um caso de morte. Assassinar uma mulher ganhou uma tipologia específica na justiça: feminicídio. Alguém que foi morto pela condição do gênero. A mídia tradicional e alternativa passou a se adequar às demandas sociais e dar nome ao crime. Cabe ao jornalismo, portanto, buscar os contextos desse tipo de violência e não simplesmente contabilizar o número de corpos. Esse é um pressuposto de trabalho e um incômodo inicial. O que advém a nossa pergunta de pesquisa: a cobertura do noticiário, efetivamente, está prestando serviço à sociedade nas coberturas de feminicídio?

Nesse sentido, esse trabalho de conclusão de curso propõe-se a analisar reportagens incluídas na cobertura jornalística feita pelo Metrôpoles da morte de de Jéssyca Laynara, em maio de 2018, a fim de avaliar em que medida os materiais trazem conteúdo investigativo, promove prevenção a outras tragédias, se apela para o sensacionalismo e da nossa pergunta de pesquisa descrita acima.

A amostragem de femincídio foi definida estimando que, no período, haveria uma maior atenção a esse tipo de violência que, em pleno ano de 2018, diante do avanço das leis e da conscientização social, ainda existem violências simbólicas nas palavras que lemos, ouvimos e assistimos. Essa é uma hipótese definível com que trabalhamos. Para dar conta de estudar esse tema social, cercado de inexatidão e também sensacionalismo, há uma proposta de elaborarmos uma análise de conteúdo da série de matérias que o veículo online Metrôpoles fez sobre o caso.

Feminicídio passou a ser um tema mais pautado ultimamente, e as instituições e organizações ligadas ao direito das mulheres vêm ganhando mais vozes na mídia para que a memória das vítimas seja preservada e para evitar outras mortes em decorrência da condição gênero. Uma reportagem especial no veículo G1 (do Grupo Globo) para o dia internacional da mulher neste ano (2019) mostrou, por exemplo, que uma mulher é assassinada a cada duas

horas no Brasil. É preciso sim dar cada vez mais voz a esse assunto, a essa temática.

É papel do jornalista transmitir informação de forma responsável e cauteloso especialmente em coberturas como feminicídio. É importante apontar matérias com esse tema, para mostrar que, mesmo um assunto tão delicado e importante, às vezes, pode não ser tratado com a delicadeza que se deve. Pesquisas na área também servem para conscientizar os consumidores de notícias para que eles mesmos criem uma análise crítica ao lerem as informações. Ter a consciência de que não é apenas uma notícia, uma cobertura trágica e que necessita de alertas, investigações jornalísticas (e não apenas reprodução dos órgãos policiais) e contextos aprofundados.

É de grande importância colaborar com o olhar crítico da população, pois pode ajudar a promover debates na sociedade que promovam discussões a respeito do viés de coberturas jornalísticas, critérios de noticiabilidade e ferramentas de avaliação de audiência.

Efetivamente, o objetivo desta pesquisa é analisar reportagens que integram a cobertura do feminicídio da estudante Jéssyka Layara, em maio de 2018, no site Metrôpoles, a fim de avaliar em que medida houve investigação jornalística ou sensacionalismo. Para isso, é necessário conceituar representações midiáticas da violência contra a mulher; de relacionamentos abusivos e feminicídios. É necessário ainda discutir como a cobertura jornalística de casos de feminicídio podem estar conectados à forma mais do que o conteúdo. Outra questão específica a ser enfocada é verificar se as reportagens seguiram o que está disposto no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (1996).

A análise de cobertura, em primeiro plano, é cercada de dúvidas e incertezas, pois nunca se sabe o que a análise pode mostrar. A par da hipótese, o recolhimento das reportagens tem em foco uma definição aleatória e sem a específica intenção de encontrar determinado resultado.

Esta monografia parte da premissa de que pode ter havido incorreção na cobertura de um caso de assassinato brutal que chocou a cidade. Para isso, há uma discussão teórica com o intuito de fundamentar a análise.

A amostragem de matérias inclui aquelas publicadas entre os dias 04/05/18 (dia do acontecimento) até 07/05/18, como forma de verificar as reportagens que tratam sobre as repercussões do caso. Para coleta desses materiais, foi realizada uma análise com leitura flutuante, ligando os pontos em comum nas matérias, o quão repetitivas foram tanto em relação de texto quanto em materiais (fotos, vídeos, áudios). Os tipos de fontes e personagens que são inseridos, em quais momentos eles aparecem e com qual objetivo.

A presente pesquisa é organizada em sete capítulos. No primeiro capítulo, tratamos sobre a responsabilidade social. No segundo, tratamos do Código de Ética. No terceiro, buscamos estabelecer relações teóricas do tema com os conceitos do agendamento (das reportagens sobre feminicídio) e o newsmaking (que estuda as condições de produção da notícia). No quarto, trazemos reflexões sobre as fontes de informação nesse tipo de material. No quinto, ampliamos a temática para discutir os conceitos de gênero na mídia. O sexto capítulo está separado para explicar a metodologia de trabalho. No sétimo, finalmente, trazemos a análise do material de acordo com o que foi estipulado no método.

A morte de Jéssyka Laynara

De acordo com o noticiário apresentado, Jéssyka Laynara da Silva Souza, de 25 anos, foi morta pelo ex-namorado a tiros em sua casa. A jovem tinha acabado de passar no último concurso para bombeiro do DF, namorou durante alguns anos com o soldado da Polícia Militar Ronan Menezes, de 27 anos, ficou noiva, mas não estava satisfeita e terminou o relacionamento, Ronan não aceitava o fim.

Os familiares de Jéssyka só ficaram sabendo que a jovem sofria agressões, depois de sua morte, pois a jovem compartilhou suas dores apenas com uma amiga que não contou para a família de Jéssyka porque ela já tinha colocado um fim no relacionamento.

Jéssyka estava feliz por ter passado no concurso que ela tão sonhava, e levava sua vida normal, apesar de Ronan ainda estar atrás dela, porém nunca imaginava que ele seria capaz de matá-la porque não aceitava o fim do

relacionamento, chegou a dizer para uma amiga que logo ele aceitava o fim e seguia a vida, mas não foi o que aconteceu. Ronan soube que Jéssyka estava conversando com o professor de uma academia (Pedro Henrique da Silva Torres, 29 anos) e não gostou. Ronan no dia 4 de maio de 2018, foi até a academia e fez três disparos contra o professor, em seguida foi até a casa de Jéssyka onde morava com os avós e um primo, e efetuou alguns disparos contra a jovem.

Jéssyka tentou correr e se trancar no banheiro, mas não conseguiu, a jovem foi atingida por cinco tiros e morreu na hora. O professor Pedro Henrique levou um tiro no peito, outro na mão e um terceiro de raspão na perna, ficou em estado grave no hospital, mas não morreu. Na época Ronan ficou foragido e depois se entregou para a polícia, hoje, mais de um ano do caso ele está preso e condenado.

1 O JORNALISMO. RESPONSABILIDADE SOCIAL NO JORNALISMO

E se não houvesse informação que fosse relevante e que mudasse a vida de cada um de nós? E se não houvesse alguém para retratar as notícias? Como seria um mundo sem o jornalismo? Por intermédio do jornalismo a sociedade ganha voz, é o principal instrumento para a garantia da democracia. Como esse trabalho trata sobre a cobertura de um feminicídio, não tem como falar dessas reportagens sem citar o papel do jornalismo perante a sociedade. “O jornalismo é uma profissão de enorme responsabilidade social, exigente, difícil e, em última análise, perigosa, em que os jornalistas enfrentam decisões difíceis sob intensas pressões” (TRAQUINA, 2015, p.16).

No século 21, os meios de comunicação têm um peso grande nas opiniões das pessoas, por meio de suas informações. Diante disso, é fundamental que o jornalismo seja sério, investigativo, socialmente responsável e, acima de tudo, honesto e verdadeiro em suas coberturas.

Nelson Traquina em “Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como elas são” (2005), diz que o jornalismo é como a vida em todas as dimensões. É retratado através de notícias de nascimento, morte, economia, educação, cultura e todos os assuntos que envolvam a sociedade em si.

O principal produto do jornalismo contemporâneo, a notícia não é ficção, isto é, os acontecimentos ou personagens das notícias não são invenção dos jornalistas. A transgressão da fronteira entre realidade e ficção é um dos maiores pecados da profissão de jornalista, merece a violenta condenação da comunidade e quase o fim de qualquer promissora carreira jornalista. (TRAQUINA, 2005, p. 20).

O fato de narrar acontecimentos faz com que o campo jornalístico tenha uma obrigação e responsabilidade para com a sociedade, pois a área do jornalismo é ampla e cada repórter, editor seleciona o que há de mais importante na notícia para passar de acordo com seu modo de pensar e com o que ele acha. Pelo fato de trabalhar com fatos que ele mesmo considera relevante ou não, é preciso ter responsabilidade e saber que a notícia é para os cidadãos e que o principal beneficiário será eles com informação. No livro,

Traquina (2005) cita exatamente essa ação feita pelo jornalista em vários momentos. “Os profissionais do campo jornalístico, os jornalistas, que, em última instância, decidem, em interação com outros jornalistas, o que é notícia, qual é a sua importância, e como é definida” (TRAQUINA, 2015, p. 28). O autor acrescenta que é papel do jornalismo contribuir ativamente para construção da realidade.

Sabendo que o jornalismo tem um papel importante para uma democracia, e na garantia dos direitos dos cidadãos através de suas informações, há alguns questionamentos para refletir para quem os jornalistas escrevem. A escritora Rita Correia escreveu um artigo justamente sobre esse assunto: “Para quem escrevem os jornalistas?” No artigo, a autora elenca que os jornalistas escrevem para audiências líderes de opinião, os outros jornalistas, os outros jornais, os patrões, o meio de comunicação, as fontes, os potenciais anunciantes, para si próprios, e os cidadãos comuns.

Quando a autora cita as audiências o ponto de vista dela é “quantitativo”, pois ela explica que na parte financeira das redações trouxe uma ótica diferente. Os leitores se tornaram clientes e as notícias são a serviço para quem consome esse produto Correia aborda a importância dos líderes de opinião, pela voz e respeito que eles têm perante a sociedade, e os vê como novas oportunidades para os jornalistas.

No artigo, a escritora diz que os jornalistas escrevem uns para os outros e é um ato inconsciente porque eles recebem orientações, indicações, elogios, críticas, trocam informações e compram notícias uns dos outros. Correia acrescenta que os jornalistas escrevem para outros jornais pois há uma competição entre os meios de comunicação de massa para quem passa a notícia primeiro, o que no meio da comunicação é chamado de “furo”.

É o pacto implícito com o público, que diz aos leitores que as críticas de cinema são honestas, que as críticas dos restaurantes não são influenciadas por quem compra um anúncio, que a cobertura dos factos não defende interesses próprios nem de amigos. (KOVACH, 2004, p. 53).

Os jornalistas escrevem para os patrões obviamente, pois os jornalistas pretendem alcançar lucros, e objetivos como todos os trabalhos, aponta a

autora Eles escrevem para os meios de comunicação ao todo, para as fontes que são as pessoas, instituições, órgãos de todo o tipo que a comunicação necessita para elaborar as notícias. Ela cita também a escrita para os potenciais anunciantes que pode ser uma autopromoção de algo, alguém. Escrevem para si próprios, pois eles mesmo quem selecionam o que é ou não importante para o público, para o leitor. E, por fim, o mais importante que se enquadra totalmente nesse capítulo desta monografia os jornalistas escrevem para os cidadãos, e o compromisso com os cidadãos deve ser fundamental.

Para a finalização deste ponto sobre o papel do jornalista e da sua responsabilidade social, é importante citar os autores Kovach e Rosenstiel, com o livro “Os elementos do Jornalismo”, na obra os autores reforçam o que vêm falando neste ponto, que o objetivo do jornalismo é fornecer aos cidadãos informações para que eles sejam capazes de se governarem e serem livres, que possam fazer suas escolhas. Para isso os autores citam nove elementos com o dever do jornalismo.

1. A primeira obrigação do jornalismo é com a verdade.
2. Sua primeira lealdade é com os cidadãos.
3. Sua essência é a disciplina da verificação.
4. Seus praticantes devem manter independência daqueles a quem cobrem.
5. O jornalismo deve ser um monitor independente do poder.
6. O jornalismo deve abrir espaço para a crítica e o compromisso público.
7. O jornalismo deve empenhar-se para apresentar o que é significativo de forma interessante e relevante.
8. O jornalismo deve apresentar as notícias de forma compreensível e proporcional.
9. Os jornalistas devem ser livres para trabalhar de acordo com sua consciência. (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003, p. 22-23).

2 ÉTICA NO JORNALISMO X SENSACIONALISMO

O Código de Ética do Jornalismo, em seu Capítulo II, afirma que o jornalista deve evitar a exposição de pessoas ameaçadas ou vítimas de violência “sendo vedada a sua identificação, mesmo que parcial, pela voz, traços físicos, indicação de locais de trabalho ou residência, ou quaisquer outros sinais e nem usar o jornalismo para incitar a violência, a intolerância, o arbítrio e o crime” (FENAJ, 2007). No Capítulo III, está explícito também que o jornalista não pode divulgar informações de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes.

Parte-se da hipótese que o veículo *Metrópoles* fez uma cobertura com viés sensacionalista sobre o caso em que um policial militar assassinou sua ex-noiva por não aceitar o fim do relacionamento. Nas reportagens, o veículo em questão buscou todos os meios para “ilustrar” matérias, o que se transformou de interesse jornalístico para interesse comercial.

Em “Teorias do Jornalismo”, Traquina no primeiro capítulo cita essa parte “negativa” no meio do jornalismo onde o comercial conta mais do que a notícia e acaba levando para a prática do sensacionalismo.

Para os jornalistas e para muitas vozes na sociedade, o pólo negativo do campo jornalístico é o pólo econômico, que associa o jornalismo ao cheiro do dinheiro e a práticas como o sensacionalismo, em que o principal intuito é vender o jornal/telejornal como um produto que agarra os leitores/os ouvintes à audiência, esquecendo valores associados à ideologia profissional. (TRAQUINA, 2015, p. 27).

Angrimani em “Espreme que sai sangue” (1995) retrata um estudo do sensacionalismo na imprensa. A obra apresenta definições diversas de jornalistas e estudiosos. Dentre elas a definição de Marcondes Filho que caracteriza o sensacionalismo como um estilo ou uma forma de seduzir leituras a partir do sensorial, no entanto, não corresponde aos preceitos éticos da profissão.

O grau mais radical da mercantilização da informação: tudo o que se vende é aparência e, na verdade. Vende-se aquilo que a informação interna não irá desenvolver melhor do que a manchete. Esta está carregada de apelos às carências psíquicas das pessoas e explora-as de forma sádica, caluniadora e ridicularizadora. [...] No jornalismo sensacionalista as notícias funcionam como pseudo-alimentos às carências do espírito [...] O jornalismo sensacionalista extrai do fato, da notícia, a sua carga emotiva e apelativa e a enaltece. Fábrica uma nova notícia que a partir daí passa a se vender por si mesma. (AGRIMANI, 1995, p.15).

Rabaça e Barbosa definem o sensacionalismo como um estilo jornalístico que tem como características um exagero intencional da importância do acontecimento, enfim, sobre a forma com que o material noticioso sobrecarrega de conteúdo, com finalidade de maior exploração e divulgação. De acordo com Marcondes filho em Dicionário da Comunicação sensacionalismo é:

1. Esse exagero pode estar expresso no tema (no conteúdo), na forma do texto e na apresentação visual (diagramação) da notícia. O apelo ao sensacionalismo pode conter objetivos políticos (mobilizar a opinião pública para determinar atitudes ou pontos de vista) ou comerciais (aumentar a tiragem do jornal). (...) 2. Qualquer manifestação literária, artística etc. Que explore sensações fortes, escândalos ou temas chocantes, para atrair a atenção do público. (MARCONDES FILHO, 1986, p.12).

Com as definições acima, percebe-se que o principal objetivo do sensacionalismo é atrair, manter ou aumentar a quantidade de públicos telespectadores ou leitores diante de um certo assunto retratado, e assim melhorar a audiência ou os lucros para emissora, produtora, ou até mesmo para os blogs. Com isso, geralmente se perde o conhecimento jornalístico, e, como já mencionado, ultrapassa princípios éticos da profissão.

Essa conduta de mídias de massa, de certo modo, corresponde a um fenômeno cultural, pois retratam assuntos de maior interesse na sociedade como casos policiais, sexuais, dramáticos, entre outros. E tendo conhecimento que temáticas como essas são repercutidos com uma facilidade maior, a mídia se aproveita e lança esses conteúdos de uma forma mais exaltada.

Geralmente, esse formato de jornalismo é usado para atrair públicos com menor possibilidade de escolha e que, de alguma forma, estão impulsionados à leitura em vista de realidades próximas, de quem sofre ou está em situação de evidente vulnerabilidade social. São públicos que podem não ter o mesmo interesse em informações sobre outros assuntos que não lhe dizem novidades que façam diferença no cotidiano. Nesse sentido, temáticas relacionadas à política ou mesmo economia não lhe prestam efetivo serviço de como lidar com as principais problemáticas que lhes afetam (como esboça teoria de Kovach, em relação ao papel social do jornalismo).

Os escândalos, sexo e sangue compõem o conteúdo dessa imprensa [...] como as mercadorias em geral, interessa ao jornalista de um veículo sensacionalista o lado aparente, externo e atraente do fato. Sua essência, seu sentido, sua motivação ou sua história estão fora de qualquer cogitação (MARCONDES FILHO, 1986, p.15).

Angrimani, 1995, narra um capítulo descrito como “Sangue”, que sobrepõe a morte e a violência retratadas nas mídias sensacionalistas. Para ele esse tipo de jornalismo não é uma tarefa fácil e exige um preparo e disposição emocional, porém, o jornal sensacionalista transforma a morte em seu assunto de capa, como se “rendesse um culto diário e fetichizado a ela”.

As opiniões em relação a essa forma de se fazer jornalismo provocam polêmica dentro da própria profissão. Um entendimento possível é a compreensão de que a mídia sensacionalista é diretamente responsável por divulgar sem contextualização a violência nas cidades. A relação entre a mídia sensacionalista e o aumento da violência é discutida por campos que não são necessariamente relacionados à comunicação. O filósofo e historiador Leandro Karnal, por exemplo, considera que a TV “às vezes é responsabilizada sim por instigar o que ela está retratando, mas a tv é sensacionalista ou os jornais porque isso vende e não porque a tv provoque isso e sim porque isso tem mercado”¹. Ou seja, não importa o quanto ultrapasse os princípios éticos dos profissionais, o que importa é alcançar um maior público e assim gerar lucros.

¹ Informação verbal gravado para o canal Juckets, Mídia com Leandro Karnal.

3 DISCUSSÕES MARCADAS TAMBÉM PELA MÍDIA

Não há como observar os conteúdos sobre um episódio de feminicídio e tratar da importância da prestação de serviço por parte do jornalismo em si sem refletir que as notícias são publicadas dentro de conceitos específicos, e nos ajudam a identificar o que de fato é missão do fazer jornalístico. Para o estudo desse corpus (a respeito de notícias da morte de uma mulher na Ceilândia) é necessário recompor a ideia que a notícia é produzida em algumas condições e essas relações de rotinas ajudam a entender o produto apresentado. Da mesma forma a hipótese do agendamento (agenda-setting) esboça a compreensão que as discussões temporais ou espaciais passam a ser recorrentes em vista de que o tema se repete. A respeito da teoria do newsmaking, que estuda a produção propriamente dita, é necessário considerar um sem-número de elementos que podem fazer, por exemplo, com que um material tenha viés sensacionalista (hipótese para esse estudo) Autores como Nelson Traquina, Felipe Pena e Mauro Wolf ajudam-nos a mapear esses conceitos e aplicá-los no estudo.

De forma sintética, a teoria do jornalismo ocupa-se de duas questões básicas: 1) Por que as notícias são como são? 2) Quais são os efeitos que essas notícias geram? A primeira parte preocupa-se fundamentalmente com a produção jornalística, mas também envereda pelo estudo da circulação do produto, a notícia. Esta, por sua vez, é resultado da interação histórica e da combinação de uma série de valores: pessoal, cultural, ideológico, social, tecnológico e midiático. ” (PENA,2005, p.17-18).

A teoria do agendamento ou agenda setting defende a ideia de que os consumidores de notícias considerem mais importantes os assuntos veiculados na imprensa, sugerindo que os meios de comunicação agendem nossas conversas. A mídia nos diz sobre o que falar e pauta. Ou seja, a mídia pautando as pessoas com o que ela acha importante. As notícias pautam nosso dia a dia, nossas conversas e isso acontece com o poder da mídia de selecionar o mais importante e nos fazer enxergar que aquilo é sim o mais

importante. A teoria do agendamento defende, segundo o autor, a ideia de que o público consumidor de notícias passa a considerar os assuntos veiculados pelo jornalismo mais importantes e chegam a agendar os debates na esfera social. “Ou seja, a mídia nos diz sobre o que falar e pauta nossos relacionamentos” (PENA, 2005, p.142). Wolf salienta que se trata de uma hipótese, já que trata de um estudo de recepção de conteúdos.

A hipótese salienta a variedade existente entre a quantidade de informações, conhecimentos e interpretações da realidade social, apreendidas pelos meios de comunicação de massa, e as experiências de “primeira mão”, pessoal e diretamente vividas pelos indivíduos. (WOLF, 2010, p. 145).

Tendo em vista que a teoria do agendamento aponta para a relação em que os meios de comunicação não determinam o que vamos pensar, mas colaboram sobre o que vamos falar, é razoável relacionar o tema desta monografia à maior recorrência e visibilidade do crime de feminicídio, e também o despertar para o maior interesse dos estudos do campo do jornalismo.

O crime de feminicídio é uma tipologia regulamentada por lei do ano de 2015 e se tornou um dos assuntos mais pautados na atualidade, os meios de comunicação estão dando mais vozes para que esse tipo de violência talvez possa diminuir entre a nossa sociedade. O caso em questão (a cobertura do feminicídio de Jéssyka Laynara, 25 anos, no dia 4 de maio de 2018) que o veículo Metrôpoles noticiou em 11 materiais iniciais, ganhou espaços também em vários jornais locais e até hoje com quase um ano do caso os veículos ainda noticiam a repercussão do que aconteceu com o assassino, como que anda o processo.

Neumann aponta que “a ação da mídia no conjunto de conhecimentos sobre a realidade social forma a cultura e age sobre ela”. E essa ação tem três características básicas, a acumulação, consonância e onipresença.

Acumulação: é a capacidade da mídia para criar e manter relevância de um tema.

Consonância: as semelhanças nos processos produtivos de informação tendem a ser mais significativas do que as diferenças.

Onipresença: o fato da mídia estar em todos os lugares com o consentimento do público, que conhece sua influência. (PENA, 2005, p.145).

Essas definições conceituais vão propiciar elementos para que seja incluído nas estratégias metodológicas para o presente estudo. Nesse sentido e no campo das teorias da comunicação, a hipótese do agendamento se contrapõe à ideia defasada da “teoria hipodérmica”, que, de forma ingênua, conforme estudamos, pressupõe que independente de características sociais, culturais, os efeitos da mídia atingem da mesma forma todas as pessoas.

Todos são membros idênticos de uma audiência de massas e respondem de forma igual a todos os estímulos. Daí o termo agulha hipodérmica, pois os medicamentos injetáveis tendem a ter o mesmo efeito nas diferentes pessoas. Entretanto, é preciso contextualizar essa teoria com o seu período histórico. (PENA, 2005, p.143).

O termo ou tipologia “feminicídio” passou a ser trazido com mais ênfase para a pauta e para os textos. Dentro desse escopo, evidencia-se que a mídia jornalística trata desse tema com focos diferenciados, incluindo o repúdio à violência contra a mulher, à falta de eficiente punibilidade para os criminosos, a fragilidade da rede de apoio às mulheres que relatam terem sido vítimas de violência, além de notícias sobre as consequências dos crimes, as campanhas de ONGs e do Estado de conscientização para públicos de interesse.

Em consonância, tem-se que Teoria do Newsmaking explica como as notícias são construídas e desenvolve os diversos processos pelos quais as notícias se apresentam como produtos a serem consumidos. “Por que as notícias são como são” é um objeto de estudo de pesquisadores como o professor Nelson Traquina (2005), por exemplo. A relação que o profissional de comunicação estabelece com a fonte, as dificuldades de obtenção de provas, os deadlines são itens a serem observados para que se possa estudar o tema. Observar o fazer noticioso relaciona-se a tentar entender as dificuldades que

um jornalista enfrenta no dia a dia (um dos condicionantes que ajuda a explicar por que as notícias sejam apresentadas de uma ou outra maneira).

O método construtivista apenas enfatiza o caráter convencional das notícias, admitindo que elas informem e têm referência na realidade. Entretanto, também ajudam a construir essa mesma realidade e possuem uma lógica interna de constituição que influencia todo o processo de construção. (PENA, 2005, p.129).

A teoria Newsmaking parte da construção das notícias, o que de fato pode virar notícia, critérios de noticiabilidade, a sistematização, ou seja, o “passo-a-passo” do jornalista para a realização da pauta, e do pressuposto de que as notícias são como elas são pela determinação da rotina industrial. Essa teoria se opõe com outra teoria da comunicação a do Espelho, que rejeita que as notícias não são reflexo da realidade, e a Newsmaking defende que o jornalismo é uma construção da realidade. As notícias não são distorções da realidade e não cabe ao jornalista com suas atitudes políticas e ideais o papel de se determinar no processo de produção das notícias.

Uma das práticas de que se ocupa a teoria do newsmaking é a noticiabilidade. Como conceito, posso dizer que ela é um conjunto de critérios, operações e instrumentos para escolher entre inúmeros fatos uma quantidade limitada de notícias. A noticiabilidade é negociada por repórteres, editores, diretores e outros atores do processo produtivo na redação. Sua aplicação baseia-se nos valores-notícia, que são os tais critérios e operações usados para definir quais acontecimentos são significativos e interessantes para serem transformados em notícia (PENA, 2005, p.130-131).

Partindo desse critério de noticiabilidade, comparamos com o assunto que se trata essa monografia. Um caso onde uma jovem que havia acabado de passar em um concurso público, foi morta pelo ex-noivo que era PM, é um assunto que além de ser um feminicídio, uma tragédia chama atenção pela delicadeza dos fatos e gera comoção. Ou seja, geram uma série de notícias, por diversos critérios, e principalmente por chamar atenção da sociedade.

Ainda no seguimento da teoria Newsmaking, temos a teoria gatekeeper, organizacional e as teorias de ações políticas. Com elas as condições de

produção que muda o produto final, nisso entra os critérios mencionados neste capítulo. Segunda Traquina, a teoria gatekeeper parte do princípio que se baseia no conceito de seleção, é uma visão limitada do processo de produção das notícias. Para explicar a teoria organizacional Traquina cita exatamente esses processos que forma o produto (notícia) final.

Segundo a teoria organizacional, as notícias são o resultado de processos de interação social que têm lugar dentro da empresa jornalística. O jornalista sabe que o seu trabalho vai passar por uma cadeia organizacional em que os seus superiores hierárquicos e o seus assistentes têm certos poderes e meios de controle. (TRAQUINA, 2005, p.157-158).

Como já visto no capítulo anterior o papel do jornalista com a sociedade é de extrema importância, nas teorias não seria diferente, elas têm uma ligação direta, tanto nas citadas acima quanto nas teorias de ação política. Nessas teorias Traquina fala da relação do jornalismo e a sociedade.

A relação entre o jornalismo e a sociedade conquista uma dimensão central: o estudo do jornalismo debruça-se sobre as implicações políticas e sociais da atividade jornalística, o papel social das notícias, e a capacidade do Quarto Poder em corresponder às enormes expectativas em si depositadas pela própria teoria democrática. (TRAQUINA, 2005, p.161).

3.1 O papel comunitário

Ainda nessa perspectiva de construção da notícia, autores como Roger Silverstone buscam humanizar as narrativas para uma maior compreensão do cidadão. No livro “Por que estudar a mídia?”, dois capítulos retratam o tema e as teorias citadas nesta monografia. Capítulo 11 “Comunidade” e capítulo 15 “O outro”.

Em comunidade, Silverstone retrata a relação entre a mídia e a comunidade, a inserção do indivíduo na matéria. “A essas experiências conflitantes da vida social chamamos comunidade”. (SILVERSTONE, 2005,

p.182). O caso em questão analisado (da morte de Jéssyka) é nítido essa inserção da comunidade com o acontecimento. O fato do veículo Metrôpoles, colocar fotos da casa onde aconteceu o feminicídio, entrevistar vizinhos, colocar o endereço na matéria, mostrar a região faz com que os leitores daquele local se sintam introduzidos no caso, o que leva a uma sensação de experiência, de também viver de alguma forma o fato.

É difícil pensar em comunidade sem localização, sem um senso das continuidades da vida social que são fundadas, literalmente, num lugar. A comunidade, portanto, é uma versão do lar. Mas é pública, não privada. Deve ser procurada e, às vezes, encontrada no espaço entre a família e a sociedade mais ampla. (SILVERSTONE, 2005, p.182).

Em consonância com o capítulo anterior, em “O outro”, Silverstone traz em foco os valores e moral no meio jornalístico e na sociedade. A importância de se colocar no papel do outro, em qualquer situação. Explorando dessa forma, colocamos a análise que será feita nesta monografia, se o veículo em questão (Metrôpoles) se colocou no lugar dos envolvidos (vítima, familiares e amigos) respeitou os princípios de ética e moral ao retratar o caso.

O outro, no entanto, pode agir como um espelho; e no reconhecimento da diferença, construímos nossa própria identidade, nosso próprio senso de nós mesmos, no mundo. Se compreendermos essas diferenças, ou mesmo se meramente as vemos, então temos de levar o Outro em conta. (SILVERSTONE, 2005, p.249).

4 CLASSIFICAÇÃO DAS FONTES DE NOTÍCIAS

Os conteúdos das matérias jornalísticas podem ser representados por meio de personagens, e até mesmo material documental. Em locais públicos, escolas, residências, empresas, instituições eles narram os fatos acontecidos. Estes são denominados as fontes de informação, fontes de notícias. Uma das funções de um repórter ao cobrir um fato é procurar fontes e questioná-las.

Schmitz em “Classificação das Fontes de Notícias”, analisa as fontes de cinco maneiras: Categoria, Grupo, Ação, Crédito e Qualificação. No quadro abaixo elaborado pelo autor, vemos a classificação das cinco maneiras. (SCHMITZ, 2011, p.6).

Quadro 1 - Classificações

Categoria	Grupo	Ação	Crédito	Qualificação
Primária e secundária (Pinto, 2000; Lage, 2001).	Oficial (Gierber e Jonhson, 1961). Oficial e não governamental (Sigal, 1973). Oficial e oficiosa, institucional e pessoal (Gans, 1980). Pessoal ou documental, pública ou privada (Pinto, 2000). Oficial, oficiosa e independente; testemunha e <i>expert</i> (Lage, 2001). Organizada, aferição, referência e bibliográfica (Chaparro, 2009).	Ativa e passiva (Gans, 1980). Ativa, passiva, proativa e reativa (McNair, 1998). Ativa ou passiva, proativa ou reativa (Pinto, 2000). Informal e aliada (Chaparro, 2009)	Explicitada ou confidencial (Pinto, 2000).	Confiável e duvidosa (Gans, 1980). Confiável (Lage, 2001). Fidedigna e duvidosa (Charaudeau, 2009).

Fonte: SCHMITZ, 2011.

Fontes de notícias são pessoas, organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa, ativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, credíveis ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para

transmitir ao público, por meio de uma mídia. (SHMITZ, 2011, p.20).

Segundo Lage (2001), no livro “A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística” as fontes são classificadas da seguinte forma: Oficiais, Oficiosas, Independentes, Primárias, Secundárias. As fontes oficiais são pessoas autorizadas à fala em nome da empresa, do órgão, instituição, associação. As oficiosas são pessoas que são ligadas a instituições que repassam informações importantes, as famosas “informações de bastidores”. As fontes oficiosas podem ser confirmadas ou desmentidas pelas fontes oficiais, e elas não podem falar em nome da instituição.

As fontes independentes são separadas entre duas categorias, os personagens da notícia e as ONGs. Os personagens da notícia são pessoas que falam por si que vivencia em fato o acontecimento, como por exemplo, no caso em análise (assassinato da Jéssyka) os familiares que estavam na casa na hora do feminicídio, alguns vizinhos que perceberam a movimentação e entre outros. As ONGs são representadas por pessoas imparciais, que não tenham nenhuma ligação com o fato, nenhum interesse em defender ou atacar algum dos lados.

Fontes primárias são os órgãos que os repórteres ligam diariamente para se informar se há alguma ocorrência importante, bombeiro, detran, defesa civil, e entre outros. Essas fontes podem evoluir para fonte oficial caso tenha ocorrência de cobertura jornalística. As fontes secundárias são divididas em duas categorias, dos experts e das testemunhas. Os experts são os especialistas no assunto, as testemunhas são as pessoas que presenciaram o fato, a testemunha mais fidedigna é aquela que presenciou o momento exato da ocorrência.

Fontes podem mentir, mas é de esperar que não mintam. Colocam-se aí duas questões: “por que se conta que alguém preste informações a um estranho, se não ganha nada com isso?” e “porque confiamos que, decidida a responder, essa pessoa não inventará uma resposta qualquer?” A primeira pergunta é respondida pelos cientistas da corrente funcionalista (principalmente Lazarsfeld, Merton, Kennedy) que, nas décadas de 1930, 1940 e 1950, estudaram a comunicação humana: os

homens consideram crucial ser aceitos socialmente e, por isso, desenvolvem atitudes cooperativas; trata-se de algo, supõem esses cientistas, que se molda desde a primeira infância, ao longo do processo de socialização. (LAGE, 2001, p. 55.).

Como apresentado às fontes de notícias pode ser personagem, um conteúdo de internet, pesquisas científicas, notas oficiais, isto é, qualquer informação que seja entendida por ambas as partes, “repórteres x leitores”. O repórter sempre se aliando para passar de forma clara e correta a informação.

De acordo com a Folha de S. Paulo (O manual da Folha de S. Paulo) há quatro classificações para as fontes de informação, fonte zero, fonte um, fonte dois e fonte três. A fonte zero é aquela de maior credibilidade, a que contém provas, docs, gravações, pesquisas, fotos, documentos registrados e entre outros. A fonte um é aquela de maior credibilidade quando se trata de pessoa física, ou seja, um pesquisador (expert) e fonte oficial (aqueles que falam pelo órgão, empresa, etc).

A fonte dois é representada por pessoas que humanizam a matéria, como por exemplo, um personagem, uma testemunha. A fonte tipo zero sempre se entrelaça com a fonte um, e a fonte um sempre se entrelaça com a fonte dois.

E por fim, a fonte três, que são fontes de menor credibilidade, são aquelas que têm um interesse evidente com o fato, como por exemplos, advogados e políticos. Essa fonte tem a necessidade de se entrelaçar com todas as outras fontes.

Não importa qual fonte seja, é papel do repórter responsável pela matéria investigar aquela informação e mostrar todos os lados de uma só história. Quando uma pessoa presta informação, ou se sujeita a ser entrevistada, é papel do jornalista saber com qual categoria ele está tratando. O que diferencia as matérias são os tipos de fontes que são colocadas em questão e assim o jornalismo toma uma proporção maior do que sempre se espera, uma grande investigação partindo do repórter é essencial para uma matéria completa, o que diferencia das matérias superficiais que partem apenas dos boletins de ocorrência.

5 DEFINIÇÕES PARA OS ASSUNTOS RELACIONADOS AO TEMA DA MONOGRAFIA

Neste capítulo, separamos algumas considerações sobre as questões do veículo, do objeto e das ideias de fundo da pesquisa, que é o enquadramento do machismo nas coberturas jornalísticas.

5.1 Violência Contra a Mulher

A violência contra as mulheres é presente em todos os países, que gera motivação para graves violações dos direitos humanos e alguns crimes hediondos. A exploração sexual, estupro, violência psicológica, agressões, perseguição, assédio, feminicídio e entre outros, são alguns exemplos de formas de violência contra a mulher.

Pode-se vincular que os padrões de consumo relacionam-se ao gênero. Para Stearns (2015), a mídia (o que inclui o cinema, por exemplo) divulga comportamentos que não condizem com sociedades conservadoras e exageram no tradicionalismo. “Os filmes apenas dão à agressão uma coleção de armas fora do comum e efeitos especiais. A cultura há muito reforça o comportamento agressivo dos homens nos filmes” (STEARNS, 2015, p.236). Em um paralelo com os padrões de consumo do jornalismo, espera-se pela novidade da próxima violência, qual foi à motivação para a agressividade, sem contextualizar que os padrões masculinos de violência estão relacionados a uma esfera de permanente desproteção social às mulheres. A agressividade contra as mulheres está contida em um âmbito não episódico nem raro. O homem como “proprietário” do corpo e da cultura da mulher pode ser parte dessa explicação estudada no campo das ciências sociais, mas que deveria ser temática de atenção do jornalismo, visto que é objeto de coberturas rotineiras. Stearns explica que, ao longo dos séculos, em diferentes culturas e povos, com pequenas variações, nos campos social, político, econômico e cultural da maioria das sociedades, existe uma ação masculina que sobrepuja

a liberdade da mulher. A desigualdade de gêneros ainda existe, está presente nas nossas histórias e no nosso cotidiano. Guacira Lopes Louro (2000) indica que as relações de poder estão manifestadas de diferentes formas, incluindo a violência. “A mulher é representada como ‘o segundo sexo’ e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual” (LOURO, 2000, p.12). Para Silva (1998 *Apud Louro*), os diferentes grupos sociais utilizam a representação para “forjar a sua identidade e as identidades dos outros grupos sociais (...) o poder define a forma como se processa a representação; a representação, por sua vez, tem efeitos específicos, ligados, sobretudo, à produção de identidades culturais e sociais, reforçando, assim, as relações de poder”.

5.2 Lei Maria da Penha

No Brasil, a Lei Maria da Penha fez avançar os direitos e a visibilidade da temática da violência contra a mulher. A legislação serve para todas as pessoas que se identificam com o sexo feminino, ou seja, a lei também inclui as transexuais. A Lei n.º 11.340, de 2006, visa proteger as mulheres de violências domésticas e familiares. O nome dessa lei se deu devia a luta de uma farmacêutica (Maria da Penha) que sofria agressões com o seu companheiro. Seu marido chegou até tentar matar Maria com um tiro de espingarda, que a deixou paraplégica, e não satisfeito o marido mais uma vez tentou matá-la estrangulando-a.

Depois de diversas agressões e duas tentativas de assassinato, Maria da Penha tomou coragem para denunciar o marido e acabou se deparando com diversas mulheres que enfrentaram esse caso em querer denunciar procurar a justiça e a justiça não fazia nada para ajudá-las. Mas Maria nunca desistiu até que o Brasil teve que se comprometer em reformular suas leis e políticas em relação à violência contra a mulher. Depois da lei Maria da Penha entrar em vigor ela encoraja milhares de mulheres a fazer denúncias.

5.3 Relacionamento Abusivo

A relação abusiva é aquela em que o excesso de poder sobre o outro se predomina. O desejo de controlar o parceiro, o sentimento de posse sobre o companheiro, o querer de ter só pra si. Geralmente esses comportamentos se iniciam sem perceber muito, no início é normal ter ciúmes, querer cuidar demais, mas aos poucos esse sentimento vai ultrapassando, assim se tornando algo grande e sem controle da situação.

O ciúmes exagerado e o sentimento de posse são os sinais mais visíveis de um parceiro abusivo, o controle sob as decisões e ações do parceiro, e entre outras ações. A situação chega a um ponto de agressividade recorrendo de violências verbais e físicas. A falta de conhecimento sobre esse assunto em muitos casos o parceiro não se dá conta inicialmente que esta vivendo em um relacionamento abusivo aos poucos que se percebe a real situação do relacionamento.

5.4 Feminicídio

O feminicídio é o assassinato de uma mulher pela sua condição de ser mulher. Os autores desse tipo de crime geralmente são parceiros íntimos como ex-namorados, ex-maridos ou até mesmo atuais da vítima. Os motivos para esse crime geralmente é o sentimento de posse, ódio, desprezo, a perda de controle e da propriedade sobre as mulheres.

“Trata-se de um crime de ódio. O conceito surgiu na década de 1970 com o fim de reconhecer e dar visibilidade à discriminação, opressão, desigualdade e violência sistemática contra as mulheres, que, em sua forma mais aguda, culmina na morte. Essa forma de assassinato não constitui um evento isolado e nem repentino ou inesperado; ao contrário, faz parte de um processo contínuo de violências, cujas raízes misóginas caracterizam o uso de violência extrema. Inclui uma vasta gama

de abusos, desde verbais, físicos e sexuais, como o estupro, e diversas formas de mutilação e de barbárie.” (MENICUCCI, 2002).

O feminicídio nunca “vem” do nada, ele dá sinais é um conjunto de atitudes tomadas pelos autores do crime. Violências verbais e domésticas são os primeiros alertas para se tomar uma atitude e não esperar chegar ao ponto de ser vítima de um feminicídio. Muitas mulheres têm medo e escondem o que está acontecendo e infelizmente o pior acontece. Segundo uma pesquisa da ONU, nos últimos dez anos 43,5 mil mulheres foram assassinadas no Brasil e mais de 90 mil se contar os últimos vinte anos.

5.5 Metrôpoles

Metrôpoles é um veículo de comunicação online fundado em 8 de setembro de 2015. É um dos principais jornais do DF apesar de ser apenas no formato online, é conhecido por suas matérias “inéditas” e furos. O veículo tem um modelo próprio, trabalha com notícias de extrema importância, mas também com matérias de entretenimento, vida das celebridades, moda, assuntos diversos. Em suas coberturas o *Metrôpoles* não economiza recursos para “incrementar” suas matérias, o que em algumas ultrapassa o código de ética de um profissional de comunicação.

Em cobertura de crimes hediondos, como por exemplo, feminicídio, o veículo não se poupa em passar os detalhes nas suas coberturas. O *Metrôpoles* tem uma linguagem apelativa para prender os seus leitores, e na maioria das matérias é sensacionalista.

6 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Com o objetivo de avaliar a cobertura do site Metrôpoles a respeito do assassinato da jovem de 25 anos, Jéssyka Laynara para observar quais foram as estratégias desenvolvidas pelo veículo, foram separadas as seguintes reportagens divididas em duas fases.

6.1 Fase 1 - Sobre o assassinato

- 1 “PM mata ex-namorada, atira em professor de academia e foge no DF”, 4/5/18, Carlos Carone, Douglas Carvalho e Victor Fuzeira
- 2 “DF: vídeo mostra professor baleado por PM em academia sendo socorrido”, 4/5/18, Maria Eugênia
- 3 “Justiça mantém preso PM que matou ex-namorada e baleou professor”, 5/5/18, Pedro Alves
- 4 ““Filha, filha, volta”, desespera-se pai de jovem morta por PM no DF”, 4/5/18, Douglas Carvalho e Fernando Caixeta
- 5 “Áudios de Jéssyka: “Quando sabemos que vamos morrer, sentimos medo””, 5/5/18, Bruno Medeiros

6.2 Fase 2 - Primeiras repercussões: a busca pela alma do atirador

- 6 “Segurança no HRC, onde está professor baleado por PM, é reforçada”, 5/5/18, Fernando Caixeta
- 7 “Agressões e ameaças eram comuns, dizem parentes de jovem morta por PM”, 5/5/18, Douglas Carvalho
- 8 “Soldado que matou ex-namorada e feriu professor se entrega”, 5/5/18, Bruno Medeiros

9 “Irmã de professor baleado faz desabafo nas redes sociais” 5/5/18, Bruno Medeiros

10 “Soldado que assassinou ex e baleou professor será expulso da PMDF”, 7/5/18, Victor Fuzeira

11 “Familiares e amigos se despedem de Jessyka Laynara e pedem justiça”, 6/5/18, Bruno Medeiros

12 “Após quase matar Jéssyka a pancadas, PM mandou cartão: “Me perdoa””, 7/5/18, Bruno Medeiros

As reportagens foram publicadas no período do dia 5 ao dia 7 de maio de 2018. Foram sugeridos procedimentos relacionados ao estudo de caso (mapeado por Robert Yin) e à análise documental (conceituado por Antonio Carlos Gil). O raciocínio de ambos os autores são parecidos, porém dentro de suas segmentações. Yin descreve sobre as etapas de um estudo de caso, dentre essas etapas são: o projeto, a preparação, a parte de coletas de evidências, a análise das evidências e por fim o projeto final do estudo. Gil usa outra segmentação e explica como elaborar os projetos de pesquisas.

É sabido que toda e qualquer classificação se faz mediante algum critério. Com relação às pesquisas, é usual a classificação com base em seus objetivos gerais. Assim, é possível classificar as pesquisas em três grandes grupos: exploratórias, descritivas e explicativas. (GIL, 2002, p.40).

As pesquisas exploratórias descritas por Gil têm como objetivos proporcionar uma maior familiaridade com o problema. As pesquisas descritivas têm como objetivo principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno. Já as pesquisas explicativas têm como foco identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos acontecimentos.

A observação sistemática dos materiais enfocou os seguintes elementos:

- a) Quais foram às prioridades na cobertura? As ênfases do título e do lide² foram em quais aspectos?
- b) São contextualizadas informações relativas à violência contra a mulher ou o crime é tratado como episódico?
- c) Quais foram às fontes utilizadas e que papel exercem na narrativa. Existe pluralidade de vozes, como está previsto no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros?
- d) Informações relativas ao passado de Jéssika são trazidas por quais fontes?
- e) De que forma, existem elementos de flashback na história do feminicídio nas reportagens?
- f) Existem elementos textuais que possuem teor sensacionalista e que, por isso, atentam contra o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros?
- g) Quais foram às imagens utilizadas? Existem nelas conteúdo mórbido que atenta contra a dignidade da vítima ou de outro personagem?

Após essa avaliação, ainda dentro da análise, esboçaremos um entendimento de quais foram às prioridades da cobertura e se há efetiva prestação de serviço com base em responsabilidade social na conduta jornalística.

² Lide é o primeiro parágrafo do texto informativo no jornalismo (LAGE, 2001)

7 ANÁLISES E RESULTADOS

De posse do método explanado no capítulo anterior, foram observadas e analisadas as 12 reportagens que fazem parte do corpus de pesquisa. Os elementos a serem verificados foram separados um a um de forma a se compreender os objetivos a serem alcançados. A análise está dividida em duas fases, conforme enunciado no item dos procedimentos metodológicos.

7.1 Fase 1 - Sobre o assassinato

Nesta primeira parte da análise, dá-se a observação da “fase 1” das matérias, período compreendido entre os dias 4 e 5 de maio de 2018. São as notícias da morte propriamente dita com as primeiras manifestações sobre a investigação do caso. Ao todo, nesta primeira fase, são cinco notícias.

Reportagem 1. “PM mata ex-namorada, atira em professor de academia e foge no DF”, 4/5/18, autoria de Carlos Carone, Douglas Carvalho e Victor Fuzeira.

Notícia constituída de 10 parágrafos de texto, com uma galeria de imagens, além de nove fotografias e um vídeo. O título e o lide da matéria foram informativos e diretos para descrever a tragédia que ocorrera naquela tarde de sexta-feira. No decorrer da matéria, o crime foi narrado como um episódio de uma história (um ex-namorado que matou porque era “*ciumento demais*”, porque não aceitava o fim do relacionamento. A notícia trata o caso como “isolado” e nenhum alerta ou discussões sobre violência contra a mulher foi tratado. “Um soldado da Polícia Militar matou a tiros a ex-namorada, em Ceilândia, nesta sexta-feira (4/5), e fugiu”. Ao narrar a tragédia o veículo enfatiza momentos de dor e sofrimento dos familiares, como o momento em que o pai de Jéssyka dizia ao chegar no local do crime e o seu desespero.

“Infeliz, desgraçado. Eu quero minha filha de volta”, foi a citação escolhida pelo veículo para trazer a dor do pai.

A matéria conta, primordialmente, com uma fonte oficial, que de acordo com Lage é problemática em relação à credibilidade uma vez que adere a uma versão dos fatos. Essa fonte é a Polícia Civil do Distrito Federal que esclarece o estado de saúde de Pedro (professor que foi baleado por Ronan). Outra fonte foi a madrinha de Jéssyka, Simone da Silva, que relatou que tinha avisado a afilhada que seu relacionamento com Renan não iria acabar bem. Uma tia de Jéssyka que não fora citado o nome, lembrou o quanto Ronan era “louco e ciumento” e que a jovem “vivia para ele”. Uma amiga da vítima que também não foi divulgado o nome, revelou que Jéssyka estava com “*medo*” do ex-noivo e que já tinha dito a ele que o denunciaria à polícia por violência doméstica e em resposta recebeu ameaças. O funcionário público Marcelino Bonfim foi outra fonte utilizada, amigo da família e de Pedro (baleado na academia). Pelo personagem, são trazidos detalhes sobre a vida pessoal do jovem e que os dois se conheciam desde a infância, o que tornaria o ciúme injustificável. Os repórteres citaram parentes e amigos no quarto parágrafo apenas como menção a esses sem detalhá-los ou incorporá-los como personagens.

Imagens

A matéria conta com uma galeria de nove fotos. A primeira traz Ronan, o acusado, fardado. A segunda é a imagem de uma publicação em rede social do primo de Jéssyka desabafando e pedindo ajuda para encontrar Renan que estava foragido, a publicação tinha uma foto do ex-casal. A terceira foto é novamente do Renan fardado. A quarta é de Jéssyka e Ronan (como casal) em um momento de lazer. A quinta é uma foto 3x4 de Pedro. A sexta, uma foto dos policiais civis e militares na casa onde aconteceu o crime. A sétima, uma foto de parente e amigos se abraçando e chorando em frente a casa que Jéssyka foi assassinada. A oitava mostra uma tia de Jéssyka chorando e abraçando com outra mulher. A nona e última traz o primo de Jéssyka chorando e revoltado em uma roda com uns amigos na rua do acontecimento.

O veículo encerra a matéria com um vídeo onde na chamada está escrito *“ATENÇÃO! CENAS FORTES”* (com letras maiúsculas). Antes de tratar

sobre o vídeo colocado pelo Metrôpoles, é válido lembrar mais uma vez que no Capítulo III, do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, está explícito que o jornalista não pode divulgar informações de “caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes”. O vídeo mostra Pedro, baleado no chão da academia, todo ensanguentado gritando de dor. O material não está acompanhado de nenhuma tarja, e explora a situação agonizante de uma pessoa em vulnerabilidade física. Não há off³ sobre o vídeo. É possível observar características sensacionalistas no material “O jornalismo sensacionalista extrai do fato, da notícia, a sua carga emotiva e apelativa e a enaltece” (AGRIMANI, 1995, p.15).

Reportagem 2. “DF: vídeo mostra professor baleado por PM em academia sendo socorrido”, 4/5/18, autoria de Maria Eugênia.

A notícia tem como principal abordagem a “agonia” do terceiro personagem da tragédia, Pedro Henrique, que foi o professor baleado na academia. O título é direto ao que vai retratar na matéria. No lide, o veículo expõe as informações do que aconteceu com Pedro, e comenta sobre o vídeo do rapaz minutos depois que levou os três tiros, *“um vídeo circulando nas redes sociais mostra o momento em que colegas e alunos o socorrem”*. A notícia conta com duas fontes ambas utilizadas na reportagem 1, o funcionário público Marcelino Bonfim e a madrinha de Jéssyka, Simone da Silva, as aspas utilizadas dos personagens são as mesmas usadas na matéria anterior. E no último parágrafo retrata novamente o clima de *“comoção”* em frente à casa onde aconteceu o crime.

A matéria gira em torno apenas do vídeo em que mostra Pedro após levar os tiros de Ronan. Antes de trazer o vídeo o veículo alerta os leitores que as cenas são fortes “Cuidado, as cenas são fortes.” A duração do vídeo é de 24 segundos.

Reportagem 3 “Justiça mantém preso PM que matou ex-namorada e baleou professor”, 5/5/18, autoria de Pedro Alves.

³ Diz-se das gravações feitas pelo repórter em materiais audiovisuais (PATERNOSTRO, 2001)

A matéria contém 5 parágrafos, como fonte cita o juiz que está cuidando do caso, *“Na decisão que determina a prisão preventiva, o juiz diz não ter havido ilegalidade na prisão do acusado”*. Não há nenhuma foto ou vídeo. É notório que foi feita por informações fornecidas da política, ou seja, produzida através do “boletim de ocorrência”. O lide traz informações sobre a prisão de Ronan e relembra o porquê ele está preso. No segundo a decisão do juiz sobre a prisão do PM, com as aspas em itálico acima. Os três últimos parágrafos relembando todo o caso (a morte de Jéssyka e o professor baleado na academia, Pedro).

Reportagem 4 “Filha, filha, volta”, desespera-se pai de jovem morta por PM no DF”, 4/5/18, autoria de Douglas Carvalho e Fernando Caixeta.

O enfoque da matéria foi todo voltado para o sofrimento do pai de Jéssyka ao chegar à onde aconteceu o crime, como se percebe logo no título da matéria. O lide já se inicia com uma frase do pai desesperado, *“Filha, filha, volta. Esse cara não é dono do mundo”*. No segundo parágrafo novamente se usa aspas fortes do momento de desespero, *“Infeliz, desgraçado. Eu quero minha filha de volta”*. O terceiro parágrafo narra que Jéssyka não tinha sido a única vítima de Ronan. A publicação cita os três disparos feitos por Ronan contra Pedro na academia e o estado de saúde da vítima. No quarto parágrafo, há informações passadas por familiares e amigos de Jéssyka, porém não identificados, nesse parágrafo falam que Ronan não aceitava o fim do relacionamento e que Pedro era amigo de Jéssyka. No quinto revela os endereços de onde aconteceram os disparos contra Pedro e o feminicídio de Jéssyka. No sexto traz informações sobre Ronan, que estava foragido até às 21h daquela noite.

Contém o intertítulo *“Louco e ciumento”*. A partir dessa parte da matéria só foram usadas informações e fontes repetidas da primeira reportagem narrada neste trabalho. A madrinha, Simone, que disse que o relacionamento *“não iria acabar bem”*, uma tia em que não se citam o nome, que dizia que Ronan era *“louco e ciumento”*, adjetivos usados para denominar o intertítulo, uma amiga de Jéssyka, que também não fora citado o nome, que relatava que

a amiga estava com “*medo*” do ex-noivo, e o funcionário público Marcelino, amigo da família e de Pedro, que fala sobre a vida do professor.

Imagens

Há uma reciclagem de conteúdo imagético aqui. A “galeria de fotos” foi a mesma utilizada na primeira matéria “PM mata ex-namorada, atira em professor de academia e foge no DF”. E novamente o vídeo de Pedro minutos depois de ser baleado dentro da academia. Um total de nove fotos e um vídeo.

Reportagem 5 “Áudios de Jéssyka: ‘Quando sabemos que vamos morrer, sentimos medo’”, 5/5/18, autoria de Bruno Medeiros.

O veículo como conseguiu entrevistar a mãe de Jéssyka (Adriana) um dia após a morte da jovem. No lide, são trazidos sentimentos da mãe. O Metrôpoles descreve que a mãe da jovem estava “*muito emocionada*” e definiu a sua filha como “*a melhor pessoa do mundo*”. A partir do segundo parágrafo, a matéria traz relatos de dias antes do assassinato, traz o que Jéssyka sofria durante e depois do relacionamento. A mãe relatou um episódio de ameaça dias antes. “*Ele mandava áudios ameaçando [a moça]. Era muito ciumento. No dia 31 de abril, ele me ligou, dizendo que iria matar a Jéssyka. Se ela tentasse fugir, mataria a família inteira*”.

Apenas uma amiga da jovem sabia sobre as agressões, e alguns áudios que Jéssyka enviou para essa amiga (não identificada pelo veículo) foram expostos na matéria. No total são quatro áudios. O primeiro com 40 segundos, de Jéssyka relata que Ronan ainda a procurava para tentar uma reaproximação. O segundo, com 3 minutos e 22 segundos, onde a jovem conta um espancamento que tinha sofrido pelo PM. No áudio, a vítima diz que não estava conseguindo andar direito, por causa de ferimentos em todo o corpo, com a mandíbula doendo. Ela relata que Ronan ainda fez um disparo contra ela, mas o tiro só passou perto. Disse também que Ronan “*arrancou*” sangue dela e não foi pouco, “*Foi mais de um litro de sangue... era tanto sangue amiga que encheu uma toalha e uma fralda para tentar estancar e mesmo assim sujo meu corpo inteiro de sangue*”. Angrimani, pesquisador do tema “sensacionalismo”, alerta que a produção de conteúdos de violência, incluindo

a reverberação da linguagem pode proporcionar efeito de repetição na sociedade. “Não há dúvida de que a divulgação de uma ação criminosa pode levar a um movimento mimético – relação muito comum que se faz quando se acusa os media de ‘ensinar’ práticas criminosas e noticiá-las” (ANGRIMANI, 1995, p.57).

Ainda nesse áudio divulgado pelo Metrôpoles revelou que até o pai de Ronan dizia que a jovem era “*omissa*”, mas ela revela que não conseguia ter raiva dele e que não iria para o hospital porque desconfiaram e ela não iria denunciar o ex-noivo pois não queria prejudicá-lo. No terceiro áudio, tinha 35 segundos, nesse ela fala que em momento algum ela foi para cima de Ronan, que a única coisa que fazer era tentar segurar a mão dele que estava segurando a arma, “*em nenhum momento eu tentei revidar... ele não tem uma mancha, só uns arranhões na mão que eu estava tentando segurar porque ele estava colocando a arma na minha cabeça*”.

O quarto áudio, contém 23 segundos, onde fala que além das manchas o dedo estava doendo e achava que estava quebrado, o pulso doendo muito também mas ia esperar as manchas no corpo sumirem para ir ao hospital ver ao menos a mão. Trechos dos áudios de Jéssyka foram usados como aspas durante a matéria.

Depois dos áudios, um parágrafo que relata a revolta da família que espera por justiça, “*Ele é um covarde. Deu dois tiros no peito dela e um nas costas. Quero que pague pelo que fez, mas nem 100 anos de cadeia vão trazer a minha filha de volta*”. Os repórteres citaram parentes apenas como menção a esses sem detalhá-los ou incorporá-los como personagens para dizer que as investidas do policial contra a jovem ficaram mais constantes e violentas após ela passar no concurso do Corpo de Bombeiros “*ele não queria que a moça trabalhasse, ainda mais em um ambiente no qual também teria contato com outros homens*”. Uma tia da jovem foi usada como fonte, Elaine Maria, lamentava pela sobrinha não ter denunciado o PM, “*Ela não denunciou, por medo que ele fizesse algo. Infelizmente, aconteceu o que vocês já sabem*”.

Um parágrafo foi usado para divulgar o local e horário do enterro de Jéssyka Laynara, abaixo dele a imagem do convite que os familiares e amigos fizeram com a foto da jovem e as informações do sepultamento. Após a

divulgação do enterro, a matéria contém um intertítulo “Prisão”, que inclui dois parágrafos onde descreve que Ronan se entregou para a polícia na noite do crime e que ficou “*calado*” durante todo o depoimento de seu advogado.

Imagens

A matéria contém uma galeria de quatro fotos. A primeira foto é Adriana muito abalada sentada na cama de Jéssyka beijando uma foto da jovem e com um objeto dela segurando em outra mão. A segunda são as mãos de Adriana segurando uma foto de Jéssyka. A terceira imagem é a tia Elaine, segurando a foto de Jéssyka. A quarta novamente a mãe de Jéssyka no quarto de sua filha com os pertences da jovem. Fora da galeria têm a imagem do convite de sepultamento da jovem como já foi descrito no parágrafo anterior.

7.2 Fase 2 - Primeiras repercussões: a busca pela alma do atirador

Reportagem 6 “Segurança no HRC, onde está professor baleado por PM, é reforçada”, 5/5/18, autoria de Fernando Caixeta.

O lide traz a informação que o policial militar Ronan Menezes ainda estava foragido após os crimes, e a preocupação com o professor baleado (Pedro Henrique), *“o temor dos amigos e familiares é de que o policial vá até o Hospital Regional de Ceilândia (HRC), onde o professor está internado, para matá-lo”*. Logo após a informação da “preocupação” dos amigos e familiares o veículo explica que o hospital está com a segurança reforçada, diferente dos dias comuns, *“Na entrada de cada acesso à unidade, as portas permaneciam semicerradas e, onde geralmente há apenas um agente, na noite desta sexta-feira (4) havia três. No posto de plantão policial, dois PMs e um agente da Polícia Civil estavam a postos”*.

No terceiro parágrafo, é trazida uma fonte ainda não utilizada em nenhuma das matérias até o momento, o tio de Pedro Henrique, que revela que conhecia Ronan e o policial destruiu sua família, *“Ele sempre foi um cara meio agressivo, mas ficou muito mais violento depois que virou policial. Ele destruiu*

a vida de três famílias: a da Jéssyka, a dele próprio e a nossa". O último parágrafo traz detalhes da cirurgia para retirar as balas de Pedro, teve duração de cinco horas, e a comemoração da família e alívio do tio Francisco ao saber que a cirurgia tinha ocorrido tudo bem *"Eu só posso dizer que a cirurgia foi um sucesso. Agora, a gente aguarda a recuperação dele no pós-operatório"*.

Imagens

A reportagem não contém galeria de fotos na matéria, apenas a foto de "destaque" que é uma self de Pedro Henrique na academia. E, novamente o vídeo de Pedro minutos depois de ser baleado dentro da academia.

Reportagem 7 "Agressões e ameaças eram comuns, dizem parentes de jovem morta por PM", 5/5/18, autoria de Douglas Carvalho.

O lide traz a história do fim do relacionamento de Jéssyka com Ronan que foi *"marcado por agressões e ameaças"*. Ainda no lide, o veículo aponta que, antes de tirar a vida da jovem com tiros à queima-roupa, o PM já havia agredido, com *"soco na cabeça"*, *"empurrão contra um portão"* e até mesmo com *"uma arma apontada para ela"*. Como descrição a um *"desabafo"* da família o Metrôpolis revelou que *"Os relatos de familiares e amigos indicam que se tratava de uma tragédia anunciada"*.

No segundo parágrafo novamente a madrinha de Jéssyka é usada como fonte, que disse que a afilhada já havia desabado com ela, *"Ela disse: 'madrinha, se eu for até para os Estados Unidos, ele vai me matar'"*. Uma amiga de Jéssyka que não foi identificada foi citada na matéria e disse que na semana antes da amiga ser morta por Ronan, ele teria dado um *"soco violento"* na cabeça de Jéssyka. A tia de Jéssyka, Elaine também foi usada como fonte novamente, e a todo momento frisa que Ronan é *"louco e ciumento"* e também revelou que a sobrinha não era o primeiro caso assim na família, *"De acordo com ela, a morte da sobrinha não foi o primeiro caso de feminicídio na família. Uma outra tia acabou morta pelo marido a tiros"*. Uma amiga da família Rafaela Medeiros, foi usada como fonte, onde falou que Jéssyka era formada em administração, havia sido aprovada no concurso para praças do Corpo de

Bombeiros e ajudava uma das tias, que tinha uma casa de festas em Ceilândia e descreve a jovem como *“tranquila e muito família”*.

A matéria contém um intertítulo “Professor baleado”, onde contém quatro parágrafos que narram como e onde ocorreram os crimes, o fato de que Ronan não aceitava o fim do relacionamento, a ligação dos três envolvidos na história, e também que Ronan ainda estava foragido.

Imagens

Há uma reciclagem de conteúdo imagético novamente. A “galeria de fotos” foi à mesma utilizada na primeira matéria “PM mata ex-namorada, atira em professor de academia e foge no DF”. E novamente o vídeo de Pedro minutos depois de ser baleado dentro da academia. Um total de nove fotos e um vídeo.

Reportagem 8 “Soldado que matou ex-namorada e feriu professor se entrega”, 5/5/18, autoria de Bruno Medeiros.

O lide traz o principal assunto que foi quando Ronan se “entregou” à polícia após cometer os crimes. O segundo parágrafo contextualiza novamente a morte de Jéssyka e os tiros que atingiram Pedro e seu estado de saúde. O terceiro informações sobre local e horário do velório. O quarto utilizando parentes e amigos sem citar como fonte, para trazer informações dos três envolvidos na situação, *“De acordo com eles, Jéssyka e o policial militar chegaram a ficar noivos e malhavam em uma academia diferente daquela na qual Pedro trabalhava. As duas vítimas, segundo os relatos, conheciam-se, mas eram apenas amigos”*. O quinto e o sexto parágrafo novamente contextualiza a comoção e reação dos familiares e o local onde ocorreram os crimes. Em seguida, um parágrafo apenas para contextualizar a nota oficial que a Polícia Militar do Distrito Federal divulgou sobre o caso. Por último, o veículo colocou a nota completa.

Imagens

Há uma reciclagem de conteúdo imagético como na matéria descrita anteriormente. A “galeria de fotos” foi à mesma utilizada na primeira matéria

“PM mata ex-namorada, atira em professor de academia e foge no DF”. E novamente o vídeo de Pedro minutos depois de ser baleado dentro da academia. Um total de nove fotos e um vídeo.

Reportagem 9 “Irmã de professor baleado faz desabafo nas redes sociais”, 5/5/18, autoria de Bruno Medeiros.

A matéria contém três parágrafos pequenos. O lide traz o que o título da matéria já retrata que a irmã de Pedro usou as redes sociais para desabafar pelo ocorrido com seu irmão, lincada com a primeira matéria desta análise, “PM mata ex-namorada, atira em professor de academia e foge no DF”. O segundo parágrafo o veículo retrata que a irmã de Pedro pedia orações para que seu irmão se recuperasse, e traz informações sobre o estado de saúde de Pedro e que ele havia sido transferido de hospital, mas que os parentes não disseram para qual. No terceiro e último parágrafo, usou a irmã de Pedro, Elaine Maria como fonte e revelou que ela se mostrava *“revoltada”* com o autor do crime *“O meu coração sangra ao ver mais uma mulher perdendo a vida por um macho escroto!”*. Logo em seguida, contextualizou que Ronan também tinha atirado em Jéssyka que morreu na hora.

Imagens

Não há conteúdos ilustrativos na matéria, apenas a foto de “destaque” que é uma self de Pedro na academia.

Reportagem 10 “Soldado que assassinou ex e baleou professor será expulso da PMDF”, 7/5/18, autoria de Victor Fuzeira.

O lide informa a expulsão de Ronan da instituição que ele prestava serviço. O coronel Marcos Antônio comandante-geral da PMDF foi usado como fonte oficial para esclarecer a expulsão de Ronan. *“É nosso dever evitar que isso aconteça. Ficamos muito tristes de envolver um dos policiais, que devem ser os responsáveis por evitar crimes como esse. Um processo disciplinar já foi instaurado e ele será expulso da corporação”*. O segundo parágrafo relembra os fatos que Ronan havia se “entregado” na sexta-feira à noite para a polícia, e informações sobre sua prisão *“O militar foi encaminhado à 24ª DP (Setor O) e*

autuado por feminicídio e tentativa de homicídio”. O terceiro parágrafo contextualiza que antes de matar Jéssyka, Ronan havia atirado em Pedro e seu estado de saúde é grave. Do quarto parágrafo ao décimo a matéria repete os mesmo parágrafos da matéria “PM mata ex-namorada, atira em professor de academia e foge no DF”, repete o intertítulo “*Louco e Ciumento*” e inclusive as fontes com as mesmas aspas (madrinha de Jéssyka, Simone da Silva, uma tia não identificada, uma amiga não identificada e o amigo da família o funcionário público Marcelino Bonfim).

Imagens

A matéria contém uma galeria com doze fotos, algumas repetidas da primeira matéria analisada nesta monografia. A primeira foto de Jéssyka e Ronan ainda como casal. A segunda também uma foto de quando o casal ainda eram noivos. A terceira é uma imagem da rede social de Renan fazendo self fardado. A quarta foto Renan fardado. A quinta é a imagem de um print de uma publicação em rede social do primo de Jéssyka desabafando e pedindo ajuda para encontrar Renan que estava foragido, a publicação tinha uma foto do ex- casal. A sexta foto é novamente Ronan fardado. A sétima é de Jéssyka e Ronan (como casal) em um momento de lazer. A oitava é uma é uma foto 3x4 de Pedro. A nona, uma foto dos policiais civis e militares na casa onde aconteceu o crime. A décima foto é de parente e amigos se abraçando e chorando em frente à casa que Jéssyka foi assassinada. A décima primeira mostra a mãe de Jéssyka chorando e abraçando com outra mulher. A última, décima segunda foto mostra o primo de Jéssyka chorando e revoltado em uma roda com uns amigos na rua do acontecimento. E novamente o veículo utiliza o vídeo de Pedro baleado gritando de dor no chão da academia.

Reportagem 11 “Familiares e amigos se despedem de Jessyka Laynara e pedem justiça”, 6/5/18, autoria de Bruno Medeiros.

O lide já apresenta a despedida de parente e amigos de Jéssyka, o veículo caracteriza a despedida da jovem como “*Um grande clima de indignação tomou conta do velório na manhã deste domingo (6/5)*”. O segundo

parágrafo relembra como a jovem foi morta, o parágrafo é lincado com a primeira matéria sobre o caso “PM mata ex-namorada, atira em professor de academia e foge no DF”. O parágrafo revela momentos marcantes do velório de Jéssyka, descreve que muitas pessoas vestia uma blusa com a foto da jovem com uma mensagem de apoio, o enterro foi marcado por homenagens e emoções, *“Após o enterro, pessoas fizeram coro gritando por justiça. Os bombeiros ligaram a sirene de uma viatura para homenageá-la. Emocionados, familiares e amigos aplaudiram. Jessyka havia passado recentemente em concurso para ingressar na corporação”*.

O quarto parágrafo descreve como Adriana (mãe de Jéssyka) estava, *“Muito abalada e ficou o tempo todo ao lado do caixão da filha. Mas, por volta das 10h30, passou mal e precisou de atendimento médico”*. Como fonte novamente o veículo utilizou as mesmas aspas de outras matérias de Adriana e de Elaine (tia da Jéssyka).

Na matéria há dois intertítulos, “Ameaças constantes” que comenta sobre os áudios que Jéssyka mandou para uma amiga e o parágrafo é lincado à matéria “Áudios de Jéssyka: ‘Quando sabemos que vamos morrer, sentimos medo’”. E o outro intertítulo é “O crime”, neste contêm três parágrafos que relembram todo o crime de feminicídio (Jéssyka morta) com uma tentativa de homicídio (disparos feitos em Pedro na academia) e a prisão de Ronan.

Imagens

A matéria contém uma galeria de cinco fotos do velório. A primeira mostra Adriana (mãe de Jéssyka) no momento em que passou mal. A segunda uma foto de Adriana andando e chorando sendo amparada durante o cortejo. A terceira um foto de frente da capela onde estava sendo velado o corpo da jovem. A quarta uma foto das pessoas andando até o local onde Jéssyka foi enterrada. E a quinta foto é da tia de Jéssyka Elaine Maria.

Um vídeo do momento em que os bombeiros fizeram a homenagem para Jéssyka ao ser enterrada e as pessoas presentes aplaudindo. O vídeo contém 16 segundos.

Reportagem 12 “Após quase matar Jéssyka a pancadas, PM mandou cartão: “Me perdoa””, 7/5/18, autoria de Bruno Medeiros.

O lide da matéria já revela as ações que Ronan cometeu com Jéssyka em um espancamento e o seu arrependimento *“Seis dias após espancar e quase matar a ex-noiva em casa – com chutes, socos e coronhadas na cabeça –, o soldado da Polícia Militar Ronan Menezes, de 27 anos, mandou-lhe um cartão no qual se dizia apaixonado por ela”*. Ainda no lide o veículo descreveu o que Ronan escreveu no cartão para Jéssyka. Do segundo parágrafo ao sétimo o veículo descreve melhor o espancamento que a jovem sofreu no dia 14 de Abril na casa de Ronan. *“Jessyka foi agredida na noite de 14 de abril e recebeu o cartão no dia 20. Quatorze dias depois, o homem invadiu a casa dela, na QNO 15 de Ceilândia, e a matou com pelo menos três tiros”*. A descrição do espancamento é feita por meio dos áudios que Jéssyka encaminhou para uma amiga que foram descritos nesta monografia na análise da quinta reportagem *“Áudios de Jéssyka: ‘Quando sabemos que vamos morrer, sentimos medo’”*.

Do oitavo parágrafo ao décimo, o veículo trouxe uma especialista em violência contra mulher, como uma fonte, a presidente do Instituto Personna de Estudos e Pesquisas em Violência e Criminalidade, Elisa Waleska Krüger Costa. A especialista também é doutora em psicologia clínica e cultura, perita criminal, psicóloga forense e professora universitária. A especialista humaniza a matéria e alerta as mulheres que possam estar passando por um relacionamento abusivo sem saber e por violência doméstica. *“Os homens agressivos, em geral, começam com pequenas exigências, cenas de ciúme, cobranças, brigas seguidas de presentes e pedidos de desculpas com promessas de mudanças. “Muitas amigas aconselham a mulher a perdoar, ir a uma igreja, relevar como sendo prova de amor. É uma escalada que passa para murros, socos e acaba em morte. O ideal é que nenhum tipo de violência seja consentido”*.

O último parágrafo descreve que Ronan se entregou à polícia, está preso preventivamente por determinação judicial, e será expulso da polícia militar (no dia da matéria ele já tinha sido expulso, a palavra expulso está

lincada à matéria “Soldado que assassinou ex e baleou professor será expulso da PMDF”).

Imagens

A matéria contém uma galeria com onze fotos, umas inéditas e outras repetidas de matérias anteriores. A primeira foto é do corte na cabeça de Jéssyka provocado por uma coronhada de Ronan. A segunda foto é de Jéssyka nua de lado em frente ao espelho mostrando os hematomas pelo corpo. A terceira foto é uma selfie de Jéssyka onde mostra o rosto inchado e marcado pelas agressões feitas pelo Ronan. A quarta foto novamente é das marcas roxas pelo corpo de Jéssyka. A quinta é uma imagem toda preta (talvez algum erro na diagramação da matéria). A sexta é uma foto de Adriana (mãe de Jéssyka) sentada, vestida com uma camiseta com fotos de Jéssyka que está escrito “Queremos Justiça”. A sétima foto é uma agenda do Corpo de Bombeiros Militar com um terço em cima. A oitava foto é do último presente que Jéssyka deu a avó, um porta chave onde estava escrito “Eu estarei sempre com vocês até o fim dos tempos”. A nona foto é do projétil encontrado na meiacalça da irmã de Jéssyka (projétil foi entregue à polícia para análise). A décima e a décima primeira foto são de Ronan fardado.

Na matéria, são reutilizados os quatro áudios da matéria “Áudios de Jéssyka: ‘Quando sabemos que vamos morrer, sentimos medo’”, mais um áudio de 5 minutos e 17 segundos que é o completo de Jéssyka contando como começou a briga que se transformou em um espancamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da observação das doze matérias sobre o assassinato de Jéssika Laynara, em maio de 2018, pelo Metrôpoles, foram um total de 81 fotos contando com as de “destaque” nas matérias, dentre essas fotos estão do sofrimento dos familiares, do convite para o velório da jovem, dos protagonistas desta cobertura Jéssyka, Ronan e Pedro. As fotos de Jéssyka exposta, dos machucados pelo corpo. A repetição das fotos ocorre em quase todas as matérias, são 81 fotos mas a maioria repetida.

O vídeo de Pedro foi repetido em sete matérias, o conteúdo tinha 24 segundos. O vídeo da homenagem dos bombeiros no enterro de Jéssyka foi utilizado apenas em uma matéria, o conteúdo tem 16 segundos. Foram cinco áudios de Jéssyka, o primeiro de 40 segundos, o segundo de 3 minutos e 22 segundos, o terceiro de 35 segundos, o quarto de 23 segundos e o quinto de 5 minutos e 17 segundos. Os áudios foram utilizados em duas matérias.

Diante de todo esses conteúdos analisados, fica claro que a cobertura do Metrôpoles foi sensacionalista e que o objetivo de apenas passar informação virou algo comercial. A começar pelos títulos, já demonstra uma intenção em gerar oportunidade de cliques para as devidas matérias. Um caso tão delicado como esse acabou sendo exposto de uma forma abusiva, entraram na intimidade da vítima, expôs a família, se aproveitando de um momento de fragilidade para entrevistas.

A partir do momento em que um veículo faz uso de um vídeo e fotos desnecessárias, que fogem do teor jornalístico, que só estão na matéria para gerar cliques eles entram em um viés sensacionalista, pois no vídeo de Pedro, por exemplo, não acrescenta em nada jornalisticamente “falando”, ele já está na segmentação para uma matéria apelativa.

De doze matérias, apenas uma trouxe uma especialista sobre o assunto (feminicídio). Em nenhuma das outras onze matérias foram citados alertas referentes à violência doméstica feminicídio, os grupos de apoio, onde buscar ajuda. Neste ano o Metrôpoles está com um quadro “Elas por elas”, que traz especialistas no assunto, conta as histórias de todas as vítimas de feminicídio

do DF em 2019 escritas, editadas, fotografadas e ilustradas pelas profissionais que trabalham no veículo e pelas parceiras do Metrôpoles.

Nem a mídia jornalística nem a publicitária têm sido o suficiente para alterar a realidade que nos cerca, mas é capaz de promover conscientização para que mais atores sejam questionados ou alertados sobre episódios de violências contra a mulher.

Esta monografia conclui que é necessário colocar os profissionais de jornalismo numa verdadeira balança ética e moral, trazendo assim discussões importantes para o âmbito acadêmico. Ao lidar com esses caso e situações como, por exemplo, o desta monografia, identifica-se erros capazes de condenar uma carreira, uma vida e uma família. Tudo isso para conseguir méritos pessoais na profissão, ultrapassando os limites éticos. Uma análise como esta é capaz de nos trazer um senso crítico que não existia, é imprescindível obter essa nova visão sobre o fazer jornalístico. Uma indicação para próximos artigos, trabalhos de conclusão de curso é analisar a série de matérias feitas pelo Metrôpoles sobre o julgamento de Ronan, sentenciado como culpado pelo assassinato, o julgamento ocorreu no dia 29 de abril de 2019 e foi até a madrugada do dia 30.

REFERÊNCIAS

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

CORREIA, Rita. **Para quem escreve os jornalistas?**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/correia-rita-para-quem-escrevem-os-jornalistas.pdf>. Acesso em: 15 abr 2019.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS – FENAJ. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. 2007. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em: 28 mar 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KOVACH, Bill ; ROSENSTIEL, Tom . **Os Elementos do Jornalismo**. São Paulo: Coleção Geração, 2004.

LAGE, Nilson. **A Reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. São Paulo: Editora Record, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. 2ª edição Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MANUAL, **Geral da Redação**. 2. ed. São Paulo: Editora Folha, 1987.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**: jornalismo como produção social de segunda natureza. São Paulo: Ática, 1986.

PENA, Felipe. **Teorias do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Classificação das fontes de notícias**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/schmitz-aldo-classificacao-das-fontes-de-noticias.pdf> . Acesso em: 13 maio 2019.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

TRAQUINA, Nelson. **As teorias do jornalismo:** por que as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **A tribo jornalística** - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa.** 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

YIN, Robert K. **Estudo de caso, planejamento e métodos.** 2 ed. Rio de Janeiro: Cláudio Damacena, 2003.

ANEXOS


Anexo A – Reportagem 1

Anexo B – Reportagem 2

DISTrito FEDERAL

DF: vídeo mostra professor baleado por PM em academia sendo socorrido

Antes de atingir Pedro Henrique da Silva Torres, o soldado Ronan Menezes matou com cinco tiros a ex-namorada Jéssyka Laynara



MARIA EUGÊNIA
maria.eugenia@metropoles.com

04/09/2018 18:53,
ATUALIZADO 04/09/2018 21:03

WhatsApp Facebook Twitter Pinterest Email SEM COMENTÁRIO


04/09/2018 18:53, ATUALIZADO 04/09/2018 21:03

O professor Pedro Henrique da Silva Torres, 29 anos, estava na academia que pertence ao pai dele, em Ceilândia, quando foi baleado pelo policial militar Ronan Menezes, na tarde desta sexta-feira (4/9). Um vídeo circulando nas redes sociais mostra o momento em que colegas e alunos o socorrem. O rapaz levou três tiros e chegou a ser operado no Hospital Regional de Ceilândia (HRC).

As imagens, muito fortes, mostram o desespero dos amigos de Pedro na tentativa de salvá-lo. Marcelino Bonfim, servidor público e próximo da família, estava indignado: "O Pedrinho levou três tiros. Ele casou-se no ano passado, filho do dono da academia. Nós o conhecemos desde quando ele era pequeno".

Antes de baleiar o professor, o soldado lotado no Grupo Tático Operacional (GTop) do 10º Batalhão de Ceilândia matou, com cinco tiros à queima-roupa, a ex-namorada e prima Jéssyka Laynara da Silva Souza, 25 anos.

Cuidado, as cenas são fortes:



MAIS SOBRE O ASSUNTO

SEGURANÇA
PM mata ex-namorada, atira em professor de academia e foge no DF

Um clima de comoção tomou conta de amigos e familiares da jovem, que se aglomeravam em frente à residência da vítima. Os parentes contaram que já haviam alertado sobre o relacionamento conturbado. "Falei para ela que não ia acabar bem. Ela disse: 'madrinha, se eu for até para os Estados Unidos, ele vai me matar'", lamentou Simone da Silva, tia e madrinha de Jéssyka.

A mulher contou ao **Metrópoles** que Ronan esteve na casa de Jéssyka ainda de manhã: "Peguei a arma, mas o primo dela, que é da Polícia Militar de Goiás, segurou. Falou para ele se acalmar. Depois, Ronan voltou e a matou. O primo acordou com os tiros. Estava dormindo, pois havia trabalhado à noite".

NA CAPA DO METRÓPOLES

POLÍCIA VAI A PRESÍDIO OUVIR POIS DE CRIANÇAS TORTURADAS POR TIOS

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

MUNDO
Madrasta bate com cinto em enteado de 26 anos que chegou tarde em casa

TRÂNSITO
Motociclista morre após bater em carro na DF-459

SAÚDE
Bombeiros fazem mutirão de testes rápidos de combate à dengue

DISTRITO FEDERAL
Lei define horários impróprios para ligações de telemarketing

MUNDO
Mulher quase tem dedo amputado ao aplicar unhas de acrílico

RECOMENDADOS

Venda no crédito com taxa 0%.

Bebê precisa ser reanimado e família culpa demora em...

Gastromotiva e Coca-Cola criam pratos justos

CLDF tem 21 deputados, mas pagará salário para 25...

Rapaz teria avisado que Natália estava no lago, mas todos...

Corpo de mulher é encontrado em decomposição no DF

Corte de energia provoca prejuízos a comerciantes da ASA...

Videos: em helicóptero, PMs interceptam carro...

Sete PMs envolvidos em grilagem de terras são presos pela PCDF...

Professores e técnicos da UnB paralisam atividades nesta...

Sudoeste: operação morre ao cair de andaime do 3º andar...

Após show de Marília Mendonça em Brasília, trânsito fica travado

Para família de Natália, vídeo em lanhonete reforça...

Anexo C – Reportagem 3

JUSTIÇA

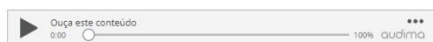
Justiça mantém preso PM que matou ex-namorada e baleou professor

Juiz do Tribunal do Júri de Ceilândia converteu em preventiva a prisão de Ronan Menezes do Rego



PEDRO ALVES
pedroalves@metropoles.com

05/05/2018 18:48
ATUALIZADO 05/05/2018 20:28



O juiz Joel Rodrigues Chaves Neto, do Tribunal do Júri de Ceilândia, converteu em preventiva a prisão do policial militar Ronan Menezes do Rego, que matou a ex-namorada Jessyka Laynara Silva Souza a tiros e baleou um professor de ginástica na tarde desta sexta-feira (4/5). O soldado está preso desde a noite de ontem, após se entregar à Polícia Civil.

Na decisão que determina a prisão preventiva, o juiz diz não ter havido ilegalidade na prisão do acusado. Também ressalta: os crimes cometidos pelo militar "são de extrema gravidade, além de terem sido praticados em circunstâncias que revelam gravidade concreta que extrapola o tipo penal em tela".

MAIS SOBRE O ASSUNTO



DISTRITO FEDERAL
Imã de professor baleado faz desabafo nas redes sociais



DISTRITO FEDERAL
Áudios de Jessyka: "Quando sabemos que vamos morrer, sentimos medo"



DISTRITO FEDERAL
Soldado que matou ex-namorada e feriu professor se entrega



SEGURANÇA
PM mata ex-namorada, atira em professor de academia e foge no DF

O homicídio ocorreu na tarde de sexta, no Setor Q, em Ceilândia. Segundo informações iniciais, o soldado da PM não aceitava o término do relacionamento com a jovem de 25 anos, recém-aprovada em concurso para o Corpo de Bombeiros. A vítima foi atingida por cinco tiros. Ao **Metrópoles**, familiares de Jessyka afirmaram que Ronan ameaçava matar a jovem e toda a família. Ela mandou, por meio do Whatsapp, mensagens de áudio a uma amiga, nos quais relata as agressões cometidas pelo ex-namorado. O enterro de Jessyka está marcado para a manhã deste domingo (6).

O PM também baleou com três tiros o professor de ginástica Pedro Henrique da Silva Torres, 29 anos. Ele teria ciúmes da aproximação entre o rapaz e Jessyka. **Pedro está internado** em estado grave. **M**

NA CAPA DO METRÓPOLES



Promotora do MPDET acusa juiz Carlos Maroja em caso do JK Shopping

ÚLTIMAS NOTÍCIAS



MUNDO
Madrasta bate com cinto em enteado de 26 anos que chegou tarde em casa

TRÂNSITO

Motociclista morre após bater em carro na DF-459

SAÚDE

Bombeiros fazem mutirão de testes rápidos de combate à dengue

DISTRITO FEDERAL

Lei define horários impróprios para ligações de telemarketing



MUNDO
Mulher quase tem dedo amputado ao aplicar unhas de acrílico

RECOMENDADOS



Taxes para vender no crédito? Veja como evitá-las.



Mulher em patinete elétrico é atropelada no centro de Brasília



Gastromotiva e Coca-Cola criam pratos juntos



Detran vai dar "vale-abono" de multas para bons motoristas no DF

Anexo D – Reportagem 4

[illegible]

Anexo F – Reportagem 6

SEGURANÇA

Segurança no HRC, onde está professor baleado por PM, é reforçada

Parentes de Pedro Henrique temem que o soldado da Polícia Militar Roman Menezes invada o Hospital Regional de Ceilândia



FERNANDO CAIXETA
fernando.caixeta@metropoles.com

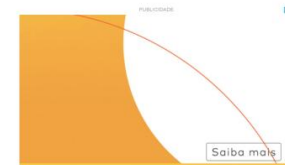
25-10-2018 0:26,
ATUALIZADO 25-10-2018 0:28



OUÇA ESTE CONTEÚDO
0:00 100% 0:00:10



O paradeiro do soldado da Polícia Militar Roman Menezes preocupa a família do professor de academia Pedro Henrique da Silva Torres. Foragido desde que matou a ex-namorada Jéssica Laynara de Silva Souza, 23 anos, e feriu Pedro Henrique com três tiros, o temor dos amigos e familiares é de que o policial vá até o Hospital Regional de Ceilândia (HRC), onde o professor está internado, para matá-lo.



No HRC, onde o professor se recupera de cirurgia na unidade de terapia intensiva (UTI), a segurança foi reforçada. Na entrada de cada acesso à unidade, as portas permanecem semicerradas e, onde geralmente há apenas um agente, na noite desta sexta-feira (4) havia três. No posto de plantão policial, dois PMs e um agente da Polícia Civil estavam a postos.

Descrito como "louco e ciumento" pela família de Jéssica, o soldado não aceitava o fim do relacionamento. Os dois namoraram por cerca de seis anos e chegaram a ficar noivos. Segundo relatos de amigos, as duas vítimas se conheciam, mas eram apenas amigos. "Ele sempre foi um cara meio agressivo, mas ficou muito mais violento depois que virou policial. Ele destruiu a vida de três famílias: a da Jéssica, a dele próprio e a nossa", afirma Francisco Torres, tio de Pedro Henrique.

MAIS SOBRE O ASSUNTO



No começo da tarde desta sexta, Pedro Henrique passou por uma cirurgia para a retirada das balas. O procedimento durou cerca de cinco horas, e os resultados foram comemorados pela família. "Eu só posso dizer que a cirurgia foi um sucesso. Agora, a gente aguarda a recuperação dele no pós-operatório", conta o tio da vítima. Antes de balear o professor, o soldado lotado no Grupo Tático Operacional (GTop) do 10º Batalhão de Ceilândia matou, com cinco tiros à queima-coupa, a ex-namorada e prima Jéssica Laynara da Silva Souza, 23 anos.

Cuidado, as cenas são fortes:



NA CAPA DO METRÓPOLES



ÚLTIMAS NOTÍCIAS



MUNDO
Madrastra bate com cinto em enteadado de 20 anos que chegou tarde em casa

TRANZITO
Motociclista morre após bater em carro na DF-459

SAÚDE
Bombeiros fazem mutirão de testes rápidos de combate à dengue

DISTRITO FEDERAL
Lei define horários impróprios para ligações de telemarketing

MUNDO
Mulher quase tem dolo amputado ao aplicar unhas de aço

RECOMENDADOS
Corpo de mulher encontrado em decomposição no DF

Bebê precisa ser resuscitado e família culpa demora em...

Para família de Natália, vídeo em lanchonete reforça...

Sete PMs envolvidos em grilagem de terras são presos pela PCDF...

Polícia prende fabricante de armas caseiras no Distrito...

Gastronomia e Coca-Cola criam pratos juntos

Venda no crédito com taxa 0%

More than 22 million people saw it every year

Rapaz teria avisado que Natália estava no lago, mas todos...

PMDF prende dono e cliente de bar por recepção de...

Corte de energia provoca prejuízos a comerciantes da ASA...

Detran vai dar "vale-abono" de multas para bons motoristas no DF

Absen Recognized as One of China's Best Managed Companies

Empresas chinesa e de São Paulo querem assumir gestão do...

PM conhecido como "Vê da 12" é alvo de operação contra...

Anexo G – Reportagem 7

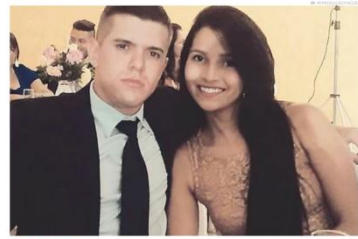
[illegible]

Anexo H – Reportagem 8

DESTAQUE FEDERAL

Soldado que matou ex-namorada e feriu professor se entrega

Roman Menezes, do 10º Batalhão de Celilândia, entregou-se na noite desta sexta (14) e está detido no complexo da Polícia Militar



ROMAN MENEZES
@romanmenezes

14/05/2018 10:15
Atualizado em 14/05/2018 10:15

WhatsApp Facebook Twitter Pinterest Email SEM COMENTÁRIO



Ainda de acordo com a instituição, o acusado foi encaminhado à 24ª DP (Setor 0), onde foi autuado por feminicídio e tentativa de homicídio. Roman ficou catado no departamento e está detido no presídio da Papaulândia, que fica dentro do Complexo Penitenciário da Papuda.

A jovem Jéssica Lyana da Silva Souza, 29 anos, foi atingida por cinco tiros e morreu na hora. Já o professor, Pedro Henrique da Silva Torres, 25, alvo de três disparos, foi encaminhado em estado grave ao Hospital Regional de Celilândia (HRC).

O veículo de Jéssica será neste domingo (16/5), no Cemitério Campo da Esperança de Taguatinga, às 16h, e o sepultamento ocorrerá às 18h30.

Parentes e amigos afirmam que Roman não aceitava o fim do relacionamento. De acordo com eles, Jéssica e o policial militar chegaram a ficar juntos e malhar em uma academia diferente daquela na qual Pedro trabalhava. As duas vítimas, segundo os relatos, conheciam-se, mas eram apenas amigos.



Roman Menezes está preso na Papaulândia. (Agência)

Logo após saber da morte da filha, o pai de Jéssica chegou na casa totalmente transtornado. "Tímido, desengaçado. Eu quero minha filha de volta". Ele foi acompanhado por amigos e familiares, mas não conseguiu conter o desespero: "Filha, filha! Volte! Esse cara não é dono do mundo".

MAIS SOBRE O ASSUNTO



Jéssica foi assassinada na residência dela, na QMO 15, no início da tarde. Os disparos contra Pedro foram dados na academia de ginástica onde ele trabalhava. Na ECNO, há poucos dias, o caso é investigado pelo 10º Batalhão de Celilândia. Veja o vídeo do momento em que colegas de Pedro o socorrem na academia. As cenas são íntimas:



Na tarde desta sábado (15), a Polícia Militar do Distrito Federal divulgou nota oficial sobre o caso. Confira na íntegra:

"A Polícia Militar do Distrito Federal, ao tempo em que se solidariza com as famílias e amigos das vítimas de tragédia ocorrida na tarde desta sexta-feira (14) na Celilândia, vem a público protestar seu compromisso com a lei e com a justiça.

Homens e mulheres policiais militares que integram as fileiras da corporação saem de suas casas todos os dias para combater crimes e proteger vidas.

A corporação repudia veementemente toda e qualquer ação criminosa, sobretudo quando praticada por um de seus integrantes. O caso será esclarecido o mais breve possível e a devida punição será aplicada de forma exemplar."



NA CURA DO METEORÓLOGO

Ultimas notícias

Motorista bate com carro em estrada de terra e morre

Bombeiros fazem mutirão de testes rápidos de combate à dengue

Lei define horários impróprios para ligações de telemarketing

Polícia militar desmonta caso de jogos clandestinos no...

Preço da gasolina no Distrito Federal cai ainda mais e chega a...

Taxa para vender no crédito? Veja como evitá-la.

PHD prende dono e cliente de bar por recepção de...

Após show de Marília Mendonça em Brasília, trânsito fica travado

DF reduz mortes no trânsito em 30% e atinge meta de...

Rapaz teria sebofe que Natalia estava no lago, mas todos...

TRE-1 julga ação penal contra Bandeira e Governor nesta quinta

Para família de Natalia, vídeo em inchomete reforça...

PHD concluiu como "bêbado" e "alvo de operação contra..."

A Little Story about "Quality that Reads the Text of Time"

Corte de energia provoca propagação a comerciantes da An...

Criança morta pelos pais foi esquecida porque pediu comida...

Anexo I – Reportagem 9

DISTRITO FEDERAL

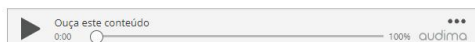
Irmã de professor baleado faz desabafo nas redes sociais

Pedro Henrique Torres foi alvo de três tiros dados pelo soldado da PMDF Ronan Menezes. Segundo a família, ele se recupera bem



BRUNO MEDEIROS
bruno.medeiros@metro.com

05/05/2018 15:31,
ATUALIZADO 05/05/2018 16:44



A irmã do professor de academia Pedro Henrique da Silva Torres, de 29 anos, **baleado na tarde dessa sexta-feira (4/5) pelo soldado da Polícia Militar Ronan Menezes**, fez um desabafo nas redes sociais.

Na postagem publicada na noite de sexta, Elaine Maria pede orações para que Pedro Henrique consiga se recuperar. De acordo com a família, o rapaz foi operado ainda na sexta-feira e teria sido transferido para outro hospital público do Distrito Federal, onde se recupera – os parentes não disseram em qual unidade de saúde o professor está agora.

MAIS SOBRE O ASSUNTO



DISTRITO FEDERAL
Soldado que matou ex-namorada e feriu professor se entrega



SEGURANÇA
PM mata ex-namorada, atira em professor de academia e foge no DF



DISTRITO FEDERAL
DF: vídeo mostra professor baleado por PM em academia sendo socorrido

Elaine mostrou-se revoltada com o autor do crime. "O meu coração sangra ao ver mais uma mulher perdendo a vida por um macho escroto!" (leia a íntegra abaixo). Ronan também atirou contra a ex-namorada Jéssyka Laynara da Silva Souza, de 25 anos, que morreu na hora.

NA CAPA DO METRÓPOLES



Operação Hórus: moradores do Sol Nascente relatam agressividade de PMs

ÚLTIMAS NOTÍCIAS



DISTRITO FEDERAL
Detran inicia auditoria em contrato denunciado pelo Metrô



MUNDO
Madraستا bate com cinto em enteadado de 26 anos que chegou tarde em casa

TRÂNSITO

Motociclista morre após bater em carro na DF-459

SAÚDE

Bombeiros fazem mutirão de testes rápidos de combate à dengue

DISTRITO FEDERAL

Lei define horários impróprios para ligações de telemarketing

RECOMENDADOS



Gastrômotiva e Coca-Cola criam pratos

Anexo L – Reportagem 12

Após quase matar Jessyka a pancadas, PM mandou cartão: “Me perdoa”

Barro Preto, capital da Paraíba. O crime ocorreu no domingo, 12 de maio, às 19h30, quando a vítima estava em uma loja de roupas.



PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”

PM mandou cartão: “Me perdoa”